



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

"Esse militar austero, que hoje se eleva à Presidência da República, tem diante de si uma opinião pública animada por um julgamento favorável. ("Le Figaro", Paris, outubro de 1969).

"A palavra do General Garrastazu Médici não reimplantou apenas a confiança num Governo que se iniciará determinado a abrir novo ciclo histórico para a nossa Pátria. Sobretudo restaurou em cada brasileiro a confiança em si mesmo."

("Correio da Manhã").

"A Revolução tornou-se mais nítida após o discurso terso proferido pelo General Emílio Garrastazu Médici. Dissipou-se a bruma. Não se poderia exigir definição mais clara. O General Médici já criou uma atmosfera nova no País. Todos ficaram sabendo o que o novo Presidente pretende fazer e como o fará."

("O Globo").

"Louve-se o estilo de pronunciamento adotado pelo eminente orador. Suas palavras fogem ao diapasão da velha oratória política, ao convencionalismo das "frases feitas", das fórmulas requentadas. Este simples fato parece significar que ingressamos mesmo num período especial do desenvolvimento social e político de nosso País. Para definir as realidades emergentes, a velha linguagem já se tornara inadequada. Urgia um revestimento menos desbotado, recobrimo uma essência efervescente que os canais da rotina já não podem conter."

("Diário de São Paulo").

O JÔGO DA VERDADE — COMO VEJO UM MINISTRO — MUNDO SEM FRONTEIRAS — TEMPO DE RECONSTRUÇÃO — VOLTEI-ME PARA DEUS — INTEGRAÇÃO DA AMAZÔNIA — PREVALÊNCIA DO NORDESTINO SÔBRE O NORDESTE — À GRANDE FAMÍLIA DE MEU POVO — OS QUATRO HORIZONTES DO FUTURO.

O Jôgo da Verdade

Presidente Médici

"Ao receber a faixa presidencial, símbolo do poder e de confiança, o Presidente Emílio Garrastazu Médici se projetou numa definição de crenças e de propósitos, respaldados num compromisso que soou aos ouvidos de milhões de cidadãos como uma partitura democrática."

("Jornal do Brasil").

"Através desse pronunciamento primeiro perante a Nação, pode-se dizer sem receio de exagerar que estamos diante de uma figura em que predominam os atributos de simplicidade pessoal, larga magnanimidade e rara identificação com os sentimentos básicos do povo brasileiro."

("Diário de Notícias")

"Nas suas poucas semanas de funcionamento, esse novo Governo já nos deu diversos e bons motivos de aplausos. Mas creio que poucos atos oficiais recentes têm sentido tão satisfatório quanto esse que acabou com as veleidades da Expo-72, ou seja, a Exposição Internacional, a realizar-se dentro de menos de dois anos, nos ainda vagos e indomados terrenos de marinha, situados à Barra da Tijuca."

(D. Rachel de Queiroz, "O Jornal").

"Enfim, o novo Presidente parece mesmo homem para o diálogo, apesar de seu propalado mutismo. Até agora, quando falou, falou certo. Quando agiu, ele o fez de acordo com o que disse."

(Danton Jobim, "Ultima Hora", GB.)

O Jôgo da Verdade — Presidente Médici

O Jôgo da Verdade

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

101
102
103
104
105
106
107
108
109
110
111
112
113
114
115
116
117
118
119
120
121
122
123
124
125
126
127
128
129
130
131
132
133
134
135
136
137
138
139
140
141
142
143
144
145
146
147
148
149
150
151
152
153
154
155
156
157
158
159
160
161
162
163
164
165
166
167
168
169
170
171
172
173
174
175
176
177
178
179
180
181
182
183
184
185
186
187
188
189
190
191
192
193
194
195
196
197
198
199
200

201
202
203
204
205
206
207
208
209
210
211
212
213
214
215
216
217
218
219
220
221
222
223
224
225
226
227
228
229
230
231
232
233
234
235
236
237
238
239
240
241
242
243
244
245
246
247
248
249
250
251
252
253
254
255
256
257
258
259
260
261
262
263
264
265
266
267
268
269
270
271
272
273
274
275
276
277
278
279
280
281
282
283
284
285
286
287
288
289
290
291
292
293
294
295
296
297
298
299
300

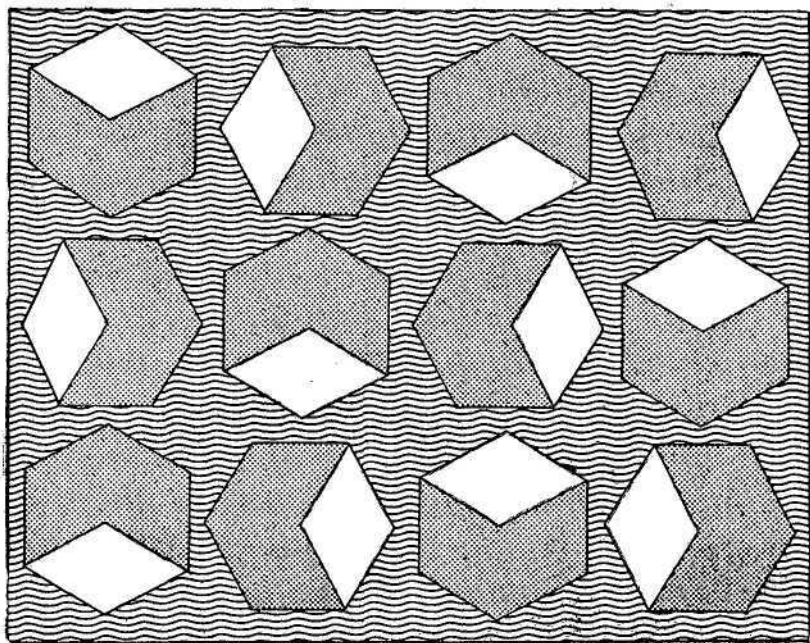
301
302
303
304
305
306
307
308
309
310
311
312
313
314
315
316
317
318
319
320
321
322
323
324
325
326
327
328
329
330
331
332
333
334
335
336
337
338
339
340
341
342
343
344
345
346
347
348
349
350
351
352
353
354
355
356
357
358
359
360
361
362
363
364
365
366
367
368
369
370
371
372
373
374
375
376
377
378
379
380
381
382
383
384
385
386
387
388
389
390
391
392
393
394
395
396
397
398
399
400

401
402
403
404
405
406
407
408
409
410
411
412
413
414
415
416
417
418
419
420
421
422
423
424
425
426
427
428
429
430
431
432
433
434
435
436
437
438
439
440
441
442
443
444
445
446
447
448
449
450
451
452
453
454
455
456
457
458
459
460
461
462
463
464
465
466
467
468
469
470
471
472
473
474
475
476
477
478
479
480
481
482
483
484
485
486
487
488
489
490
491
492
493
494
495
496
497
498
499
500

501
502
503
504
505
506
507
508
509
510
511
512
513
514
515
516
517
518
519
520
521
522
523
524
525
526
527
528
529
530
531
532
533
534
535
536
537
538
539
540
541
542
543
544
545
546
547
548
549
550
551
552
553
554
555
556
557
558
559
560
561
562
563
564
565
566
567
568
569
570
571
572
573
574
575
576
577
578
579
580
581
582
583
584
585
586
587
588
589
590
591
592
593
594
595
596
597
598
599
600

O Jôgo da Verdade

Emílio Garrastazu Médici



2.ª edição

Capa de FERDY CARNEIRO

O JÔGO DA VERDADE

“Chegou a hora de fazermos o jôgo da verdade”

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

RECEBO a indicação do meu nome para a Presidência da República consciente da responsabilidade excepcional dessa missão que me foi imposta pelo consenso das Fôrças Armadas e tornada irrecusável pelo confiante acolhimento da Nação.

Fiz tudo o que estava ao meu alcance para que meu nome não fôsse cogitado. Não consegui, porém, demover meus pares, que tomaram a seu cargo a tarefa de resolver o problema sucessório, nem mesmo os três Ministros Militares foram sensíveis ao meu apêlo.

Não valeram e nem foram consideradas as razões que me levaram a declarar, mais de uma vez, meu veemente desejo de não ocupar tão elevado cargo.

Há 45 anos sirvo ao Exército e a êle, sòmente a êle e à Nação, consagrei todo o meu preparo profissional.

Quis o Alto Comando das Fôrças Armadas, auscultando os altos comandos das Fôrças Singulares, seleccionar meu nome para substituir o presidente COSTA E SILVA, como capaz de manter coesas e unidas as Fôrças Armadas da Nação em tôrno dos ideais da Revolução de Março de 1964.

Impõe-me, assim, o Alto Comando das Forças Armadas, mais um dever a cumprir. Não me cabe o direito de fuga.

Revolucionário desde a mocidade, atuei, em 1964, diretamente sob as ordens do Marechal COSTA E SILVA, a cujo governo também pertenci. Durante êsse estreito convívio, aprofundou-se a minha amizade e admiração por aquêlê eminente Chefe militar e estadista. Ê, portanto, compreensível que, ao sentimento de pesar de todos os brasileiros pelo sofrimento que atingiu o Presidente, acrescente-se, em meu íntimo, a tristeza maior do companheiro de mocidade, de vida militar e de serviço público. Não desejaria substituí-lo, muito menos em tão duras circunstâncias. Mas aprendi, com o próprio Marechal COSTA E SILVA, que o destino do soldado não lhe pertence. Nem lhe é permitido escolher encargos.

Sei de minhas dificuldades, mas procurarei ultrapassá-las pela escolha de auxiliares capazes, dignos e patriotas que, em qualquer circunstância, tenham os interesses nacionais acima, e muito acima de seus próprios.

A Revolução de Março de 1964 deu um nôvo destino ao Brasil, e sua obra, começada com o Marechal CASTELO BRANCO — de saudosa memória — não pôde ser concluída pelo Marechal COSTA E SILVA, infelizmente enfêrmo e incapacitado para o cargo.

Cabe-me, portanto, por imposição de meus pares prosseguir no rumo traçado por êsses dois eminentes brasileiros.

O meu Governo vai iniciar-se numa hora difícil. Sei o que sente e pensa o povo, em tôdas as camadas sociais, com relação ao fato de que o Brasil ainda continua longe de ser uma nação desenvolvida,

vivendo sob um regime que não podemos considerar plenamente democrático. Não pretendo negar essa realidade, exatamente porque acredito que existem soluções para as crises que a criaram ou que dela decorrem. E estou disposto a pô-las em prática.

Dêsse modo, ao término do meu período administrativo, espero deixar definitivamente instaurada a democracia em nosso país e, bem assim, fixadas as bases do nosso desenvolvimento econômico e social. Advirto que essa não poderá ser obra exclusiva da administração pública, e sim, uma tarefa global da Nação, exigindo a colaboração dos brasileiros de todas as classes e regiões. Democracia e desenvolvimento não se resumem em iniciativas governamentais: são atos de vontade coletiva que cabe ao Governo coordenar e transformar em autênticos e efetivos objetivos nacionais.

É preciso ficar claro que não vamos restabelecer as instituições que nos levaram à crise de 1964. Jamais voltaremos àquele sistema político que subjuguava completamente a vontade popular ao jôgo das manipulações de cúpula.

Nem àqueles desregrados impulsos de desenvolvimento, mais intuitivos que racionais, e que acabaram redundando na torrente inflacionária.

Temos viva a lembrança de que, por efeito daquele sistema, foram-se distinguindo, no País, uma minoria integrada nas instituições e uma grande maioria marginalizada. Com o tempo, passamos a enfrentar o risco de uma cisão interna, chegando ao ponto que obrigou as Forças Armadas a intervirem para salvar a unidade nacional, evitando a desagregação e o caos. Dêsse modo, as instituições não foram assaltadas pelos militares, como pretendem

apregoar os inimigos da Revolução, mas, de fato, foram sustentadas pelos mesmos, no auge da crise, que ameaçou cindir a Nação, entre uma minoria com participação na ordem econômica e política e, de outro lado, uma maioria não dispondo de qualquer renda e, conseqüentemente, sem meios práticos de poder exercer ou exigir os seus próprios direitos, vivendo em condições que, como observou o Papa PAULO VI, na sua histórica visita ao nosso Continente, não se coadunam com a dignidade espiritual do homem.

Por tudo isso, é inaceitável o retôrno à situação pré-revolucionária.

Repudiamos a pregação dos extremistas, que exigem, e de forma primária, a destruição das instituições.

E também o apêlo de oligarquias que recomendam a sua inalterável manutenção. Nosso dever é impor-lhes uma profunda transformação pela qual deixem de servir aos privilégios de minorias, para atender aos supremos interesses do País.

Essa reforma das instituições econômicas, sociais e políticas não será obtida com simples medidas corretivas ou repressivas, adotadas ao sabor dos acontecimentos. Exige, na verdade, uma revolução.

Foi isso o que as Forças Armadas se decidiram a fazer: completar o movimento de 1964, transformando-o em uma autêntica Revolução da Democracia e do Desenvolvimento, em consonância com as mais lídimas aspirações nacionais.

Vamos dar efetividade a êsses objetivos revolucionários. Nesse sentido, iremos ouvir os homens de empresa, os operários, os jovens, os professores,

os intelectuais, as donas de casa, enfim, todo o povo brasileiro.

Será um diálogo travado sobre o nosso País, os nossos problemas, os nossos interesses e o nosso destino. Naturalmente, êsse entendimento requer universidades livres, partidos livres, sindicatos livres, imprensa livre, Igreja livre. Mas livres, acima de tudo, daqueles grupos minoritários que ainda hoje, como ontem, ora pela violência, ora pela corrupção, jogando com todos os processos de uma técnica subversiva cada vez mais aprimorada e audaciosa, pretendem servir a ideologias que já estão sendo repudiadas e superadas nos seus próprios países de origem. Na medida em que os estudantes, os políticos, os operários, os jornalistas e os religiosos conseguirem livrar-se dessas manipulações e manobras, assegurando autenticidade às manifestações de sua vida institucional, estarão conquistando a própria liberdade que — é bom deixar esclarecido — não cabe ao Governo outorgar, mas, apenas reconhecer. Estarei atento a êsse esforço de libertação, em cada dia do meu governo. Mas não me deixarei iludir, nem iludir ao povo. Chegou a hora de fazermos o jogo da verdade.

Apresentarei à Nação, oportunamente, um plano econômico e administrativo, resguardando basicamente os resultados já obtidos pela Revolução, fixando as novas metas de incremento da produção e de expansão do mercado, tendo em vista a prioridade dos setores da educação, da saúde e da alimentação, o atendimento das regiões menos desenvolvidas, a estabilidade monetária, a correção dos desequilíbrios regionais de renda, a redução das desigualdades na distribuição das rendas individuais,

os salários justos e a participação dos trabalhadores nos benefícios do desenvolvimento e, bem assim, os critérios das reformas institucionais.

Entretanto, insisto em afirmar que não acredito em nenhum plano de governo que não corresponda a um plano de ação nacional. Na marcha para o desenvolvimento, o povo não pode ser espectador. Tem de ser o protagonista principal. Daí, o apêlo que, nesta oportunidade, dirijo ao País: que todos os indivíduos, classes, organizações sociais e políticas e centros culturais, em todos os recantos do território nacional, formulem os seus programas e reivindicações para o momento presente. Asseguro que nenhuma sugestão deixará de ser devidamente apreciada. Mobilizarei, para êsse estudo e análise, não só os órgãos de planejamento, mas, inclusive, as diversas instituições de pesquisas — civis e militares — a fim de realizar o levantamento global das sugestões e a adequada formulação da sua síntese. Com isso, poderemos completar o plano de ação a ser executado nos próximos anos.

Precisamos reproduzir, na vida político-administrativa, aquilo que conseguimos, até hoje, nas atividades esportivas ou artísticas. De fato, é significativo que tenhamos obtido expressivos triunfos, exatamente naqueles setores em que ocorre uma entusiástica e comovida participação do povo. No entanto, não é possível que, no século das conquistas espaciais, no momento em que os modernos sistemas de computação e informação marcam o fim das soluções meramente ideológicas, no instante em que a extraordinária revolução da técnica possibilita o arranco de tantas nações para o desenvolvimento, não é possível, repito, que um país como o nosso não

venha a registrar, também, realizações e êxitos marcantes na história da civilização. O Brasil é grande demais, para tão poucas ambições. E está a exigir dos seus filhos uma atuação que realmente corresponda à magnitude do seu território, bem como aos alevantados ideais das gerações que nos legaram todo êsse imenso patrimônio. Uma atuação, enfim, que se eleve à altura dos incontidos sonhos da mocidade que se prepara para dirigi-lo e cuja meta não pode ser outra, senão o triunfo final na arrancada para o desenvolvimento econômico e social.

No curso do Governo, jamais procurarei impor o meu programa administrativo, mediante efeitos de propaganda ou a simples divulgação de resultados estatísticos. A última palavra será dada, de acôrdo com os reflexos que efetivamente se verifiquem nas condições de vida. Outrossim, qualquer sacrifício a ser impôsto nos setores privados corresponderá, previamente, a um ato ou reforma do próprio Governo.

Simultâneamente, ficarão fixados os limites em que o Estado atuará e aquêles dentro dos quais terão atuação, em maioria, os setores particulares nacionais e, bem assim, os investidores estrangeiros que nos tragam a sua indispensável colaboração de técnica ou de capital.

Manteremos os nossos compromissos internacionais, deixando claro que os mesmos implicam em reciprocidade de tratamento. Vamos cumprir o que nos cabe e exigir o que nos é devido. Não pretendemos aceitar e, muito menos, impor lideranças de qualquer tipo, respeitando a lição da história contemporânea que nos ensina que a convivência internacional só pode ser mantida nos termos de uma comunidade de nações livres e soberanas.

Permaneceremos unidos com os países do Hemisfério na luta em prol do nosso desenvolvimento e sempre no sentido da plena efetivação dos princípios cristãos da cultura ocidental. E continuaremos identificados com tôdas as demais nações, no esforço comum pela paz e pela mais justa distribuição das conquistas do nosso tempo, por todos os povos da terra.

É com essa disposição que encaro as minhas novas e graves responsabilidades.

Espero que cada brasileiro faça justiça aos meus sinceros propósitos de servi-lo. E confesso, lealmente, que gostaria que o meu govêrno viesse, afinal, a receber o prêmio da popularidade, entendida no seu legítimo e verdadeiro sentido de compreensão do povo. Mas não pretendo conquistá-la, senão com o inalterável cumprimento do dever.

Desejo manter a paz e a ordem. Por isso mesmo, advirto que todo aquêle que tentar contra a tranqüilidade pública e a segurança nacional será inapelavelmente punido. Quem semear a violência, colherá fatalmente a violência.

Quero transformar em dever de Chefe de Estado o desejo sincero de garantir a harmonia do empenho dos senhores juizes, legisladores e governantes, no âmbito federal como no estadual, para a convergência de esforços e colaboração mútua na consecução de nossos objetivos comuns.

Considero, também, que não podemos perder mais tempo, recordando os erros de administrações anteriores. Em vez de jogar pedras no passado, vamos aproveitar tôdas as pedras disponíveis para construir o futuro.

Interpreto os anseios de afirmação nacional do povo brasileiro como uma tendência irrecusável em nossa época.

E procurarei ser fiel aos seus imperativos simplesmente realizando um governo do Brasil, pelo Brasil e para o Brasil, dentro do concêrto das nações livres da América e do mundo.

Impor-me-ei, como Comandante-em-Chefe das Forças Armadas, a consciência de que tôdas as minhas atitudes e determinações terão a plenitude da correspondência de meus chefes comandados, dentro do rigor e da justeza das normas militares que, institucionalmente, nos regem a todos.

Com base indiscutível no mais amplo respeito à disciplina, na fiel observância da cadeia hierárquica e sob o manto de inquebrantável coesão estarão garantidas as condições primordiais do preparo profissional militar e da disposição para manter o ímpeto revolucionário, marcado na alma e na vontade de cada soldado do Brasil.

São êsses os meus propósitos. Que Deus, atendendo às minhas orações, me dê a força, a coragem e a firmeza de cumpri-los.

10

50

20

150

50

25

50

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

COMO VEJO UM MINISTRO

1	2
3	4
5	6
7	8
9	10
11	12
13	14
15	16
17	18
19	20
21	22
23	24
25	26
27	28
29	30
31	32
33	34
35	36
37	38
39	40
41	42
43	44
45	46
47	48
49	50
51	52
53	54
55	56
57	58
59	60
61	62
63	64
65	66
67	68
69	70
71	72
73	74
75	76
77	78
79	80
81	82
83	84
85	86
87	88
89	90
91	92
93	94
95	96
97	98
99	100

*"Quero dizer, bem alto, como vejo um
Ministro de Estado".*

REFERENDADA a escolha de meu nome pelo Congresso Nacional, cumpre-me apontar à Nação brasileira os homens que me ajudarão na imensa tarefa de dirigir os seus destinos, sucedendo ao eminente Presidente COSTA E SILVA.

Dado que jamais aspirei a chegar à Presidência da República e que nela me vou investir no cumprimento dessa missão, dificilmente poderá a História registrar exemplo de Chefe de Estado que, assim livre de pressões, de vinculações, de compromissos, pôde escolher seus auxiliares imediatos segundo seu próprio julgamento, seus próprios valores, sua responsabilidade total.

O exercício da chefia do órgão nacional de informações, ao longo de mais de dois anos, fêz-me conhecer um pouco do direito e do avêso das coisas e dos homens do Brasil.

Valho-me agora dêsses conhecimentos e de meu próprio julgamento na escolha isenta de meus Ministros, imune a pressões de tãda ordem, de ordem sentimental ou racional — políticas, militares, econômicas.

Não uso critérios políticos ou regionalistas, não pago dívidas eleitorais que não precisei contrair, não tenho a vocação do favoritismo e da cortesia no

exercício de meu dever, e me declaro incompetente na mecânica da composição, do conchavo, da barganha.

Compromissos, só os tenho com a minha consciência e com o futuro de nosso País. E se alguma confiança me é dada pela Nação e por este momento de História, que se comece confiando nos homens em que confio.

Cuidei buscá-los em toda parte. Quis encontrá-los, a todos, segundo seus valores. Busquei a inteligência e a objetividade, a austeridade e a coragem moral, a iniciativa e a aptidão para o trabalho em equipe, a energia e o equilíbrio, o espírito criador e o realismo.

Visei à reunião de homens firmes e tenazes, identificados com a Revolução de Março de 64 e que coloquem o interesse nacional acima, muito acima, de qualquer interesse; homens capazes de ouvir e de comunicar; homens capazes de escolher outros homens; homens com sentido de humildade, grandeza de intenções, permeáveis à realidade do hoje e sensíveis à visão do amanhã.

Cuidei encontrá-los, e se todos em tudo assim não forem como os busquei, cada um haverá de identificar-se com o meu propósito, sublimar-se na ação e integrar-se ao espírito da unidade.

Empenho minha responsabilidade pessoal nessa unidade, que desejo a marca de meu governo, unidade que de mim haverá de emanar, unidade de pensamento, de objetivo, de ação, de coerência.

Não haverei de ter Ministérios prevalentes, mas áreas, setores e problemas prioritários. Almejo a continuidade administrativa como princípio, mas

não tenho compromisso de duração da tarefa de meus auxiliares, que essa duração será feita de nossa mútua confiança.

Meu propósito primeiro é ter um Ministério unido e coeso, com espírito de equipe e de cooperação, de trabalho associativo e integrado. Quero a meu lado Ministros que tenham em mira a interdependência, a interpenetração, o recíproco respeito, a visão de conjunto entre os Ministérios.

Deus haverá de ajudar-me para que eu tenha sempre um Ministério que, na força de seu todo, não sejam ilhas, seja continente; e que, na energia e na chama, não sejam estrelas solitárias ou errantes, seja constelação.

Quero, assim, apontar à Nação os homens que me ajudarão a dirigir o País nos anos de meu governo.

Meu companheiro na Vice-Presidência da República, o Almirante AUGUSTO HAMANN RADEMAKER GRÜNEWALD, cujo nome o Congresso Nacional já ratificou, é a expressão de uma certeza, a certeza da continuidade do processo revolucionário. Esta certeza vem de longe, vem de sua presença decisiva na primeira hora da Revolução, como um dos três membros de seu Comando Supremo.

Agora, o Ministério, Setor por Setor, Ministro por Ministro.

Primeiro, o SETOR POLÍTICO:

Ministro da Justiça: Professor ALFREDO BUZAID.

Ministro das Relações Exteriores: Embaixador MÁRIO GIBSON BARBOZA.

SETOR DE PLANEJAMENTO GOVERNAMENTAL:

Ministro do Planejamento e Coordenação Geral: Professor JOÃO PAULO DOS REIS VELLOSO.

SETOR ECONÔMICO:

Ministro da Fazenda: Professor ANTÔNIO DELFIM NETTO.

Ministro dos Transportes: Coronel MÁRIO DAVID ANDREAZZA.

Ministro da Agricultura: Engenheiro Agrônomo LUIZ FERNANDO CIRNE LIMA.

Ministro da Indústria e do Comércio: Senhor FÁBIO RIODI YASSUDA.

Ministro das Minas e Energia: Engenheiro ANTÔNIO DIAS LEITE.

Ministro do Interior: Deputado JOSÉ COSTA CAVALCANTI.

SETOR SOCIAL:

Ministro da Educação e Cultura: Senador JARBAS GONÇALVES PASSARINHO.

Ministro do Trabalho e Previdência Social: Professor JULIO DE CARVALHO BARATA.

Ministro da Saúde: Professor FRANCISCO DE PAULA DA ROCHA LAGÔA.

Ministro das Comunicações: Coronel *Hygino Caetano Corsetti*.

SETOR MILITAR:

Ministro da Marinha: Almirante-de-Esquadra ADALBERTO DE BARROS NUNES.

Ministro do Exército: General-de-Exército ORLANDO GEISEL.

Ministro da Aeronáutica: Marechal-do-Ar MÁRCIO DE SOUZA E MELLO.

ÓRGÃOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA:

Chefe do Gabinete Civil: Professor JOÃO LEITÃO DE ABREU.

Chefe do Gabinete Militar: General-de-Brigada JOÃO BAPTISTA DE OLIVEIRA FIGUEIREDO.

Chefe do Serviço Nacional de Informações: General-de-Brigada CARLOS ALBERTO DA FONTOURA.

Apresentados os homens que escolhi e que escolherão outros homens, e pôsto que estamos na hora da verdade, quisera confidenciar à Nação brasileira haver sido meu propósito primeiro escolher Ministros que não fôsem candidatos, que não estivessem pensando, desde já, numa cadeira no Congresso, num palácio de govêrno, ou mesmo na Presidência. É que eu os queria só Ministros, e Ministros totalmente devotados à missão que lhes darei.

Seria, de certo modo, comprometer-lhes o futuro e, quem sabe, até, desfalcar meu Ministério de alguns valores que não dispenso.

Não impus a condição limitativa do amanhã, que é dêles. Imponho sim, e a Nação é testemunha, que não façam de seus Ministérios a plataforma de lançamento, a base eleitoral, a cornucópia de favores que, em passado que a Revolução de 64

deixou atrás, aplainava o caminho dos pretendentes aos cargos eletivos.

Quero dizer, bem alto, como vejo um Ministro de Estado. Vejo-o consagrar-se, de tãda a alma, à sua imensa tarefa — como um fim, não como um meio; vejo-o servir a todo o povo brasileiro; e harmonizar-se e integrar-se no conjunto de minha equipe, sem travar jamais a velha luta da rivalidade das ambições políticas de cada um.

Quero ter de todo Ministro de meu govêrno a imagem da austeridade, da decência, da determinação no rumo do esforço coletivo.

E, assim, o futuro haverá de ser para todos a tranqüila colheita do presente.

Com êsses homens e com êsses propósitos haveremos de prosseguir, nos primeiros anos de 70, o esforço nacional de acelerar a vinda dos novos tempos, os tempos em que o homem mais ignorado, do mais distante pedaço de Brasil, sinta, na sua própria pele, e não, na palavra dos outros, que os dias melhores estão chegando.

(Mensagem lida em cadeia de rádio e TV a 27-10-1969).

MUNDO SEM FRONTEIRAS

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

*"Homem da fronteira, creio em um
mundo sem fronteiras entre os homens".*

HOMENS de meu País!

Neste momento eu sou a oferta e a aceitação.

Não sou promessa. Quero ser verdade e confiança, ser a coragem, a humildade, a união.

A oferta de meu compromisso ao povo, perante o Congresso de seus representantes, quero-a um ato de reverdecimento democrático.

A aceitação da faixa presidencial, faço-a um auto de justiça e a confissão de minhas crenças.

Faço a justiça de proclamar o equilíbrio e a serena energia, o patriotismo e a grandeza com que se houveram os três Ministros Militares no exercício temporário da Presidência da República, que a mim transmitem, no símbolo dessa faixa, pelas mãos honradas de Sua Excelência, o Almirante AUGUSTO HAMANN RADEMAKER GRÜNEWALD.

Faço a justiça de dizer, já agora ouvindo a Nação, à cuja frente o destino me trouxe, faço a justiça de assinalar a total dedicação do grande Presidente COSTA E SILVA à causa pública, o empenho tanto, que se fêz imolação da própria voz.

Venho como sempre fui. Venho do campo, da fronteira, da família; venho do povo, da caserna; venho de minha terra e de meu tempo.

Venho do minuano. "Esse vento faz pensar no campo, meus amigos, êste vento vem de longe, vem do pampa e do céu."

Valho-me, ainda uma vez, do poeta augusto do meu Sul, para ver, no vento, o homem do campo de todo o Brasil — o homem que ninguém vê, sem face e sem história — aquela humildade mansa, que a vida vai levando na quietação do caminho abraçando a coxilha.

Homem do campo, creio no homem e no campo. E creio em que o dever desta hora é a integração do homem do interior ao processo de desenvolvimento nacional. E, porque assim o creio, é que tudo darei de mim para fazer a revolução no campo, revolução na agricultura, no abastecimento, na alimentação. E sinto que isso não se faz sòmente dando terra a quem não tem, e quer, e pode ter. Mas se faz levando ao campo a escola ao campo adequada; ali plantando a assistência médica e a previdência rural, a mecanização, o crédito e a semente, o fertilizante e o corretivo, a pesquisa genética e a perspectiva de comercialização. E tenho a diversificação e o aumento da produção agrícola, a ampliação das áreas cultivadas e a elevação da renda rural como essenciais à expansão de nosso mercado interno, sem o qual jamais chegaremos a ter uma poupança nossa, que nos torne menos dependentes e acione, com o nosso esforço, aliado à ajuda externa, um grande projeto nacional de desenvolvimento.

Homem da fronteira, creio em um mundo sem fronteiras entre os homens.

Sinto por dentro aquêlê patriotismo aceso dos fronteiriços, que estende pontes aos vizinhos, mas

não aceita injúrias nem desdêns, e não se dobra na afirmação do interesse nacional.

Creio em um mundo sem fronteiras entre países e homens ricos e pobres. E sinto que podemos ter o mundo sem fronteiras ideológicas, onde cada povo respeite a forma dos outros povos viverem. Creio em um mundo sem fronteiras tecnológicas, onde o avanço científico fique na mão de todo homem, na mão de toda nação, abrindo-se à humanidade a opção de uma sociedade aberta.

Homem da fronteira, conheço o pêso específico de nosso País e hei de fazê-lo valer em favor do nosso povo. Fronteiriço, não sei, não vejo, não sinto, não aceito, outra posição do Brasil no mundo que não seja a posição da altivez. E sinto que esta nossa América, já na idade da razão, realizado o esforço concentrado e pertinaz de formulação de suas posições, há de receber, em breve, a solidariedade da outra América.

E creio que se pode tornar mais intenso o surto de comercialização de nossos produtos e buscar o comprador na extensão toda do mapa do mundo. E creio na contribuição de nossa gente, para o entendimento, o respeito e a paz entre os povos.

Homem de família, creio no diálogo entre as gerações e as classes, creio na participação. Creio que a grandeza do Brasil depende muito mais da família que do Estado, pois a consciência nacional é feita da alma de educador que existe em cada lar. E, porque assim o creio, é que buscarei fortalecer as estruturas de governos municipais e sub-regionais, provendo as comunidades do interior do saneamento básico indispensável à proteção da unidade familiar, pedra angular da sociedade.

Homem do povo, creio no homem e no povo, como nossa potencialidade maior, e sinto que o desenvolvimento é uma atitude coletiva, que requer a mobilização total da opinião pública. E, porque assim o creio, e porque o sinto amadurecido para a tarefa global, é que buscarei ouvi-lo sempre.

Homem do povo, olho e vejo o trabalhador de tôdas as categorias e sinto que, normalizada a convivência entre empregados e patrões, e consolidada a unificação da previdência social, nosso esforço deve ser feito na formação e no aperfeiçoamento de mão-de-obra especializada e no sentido da formulação de uma política salarial duradoura, que assegure o real aumento do salário e não o reajustamento enganador.

Homem do povo, conheço a sua vocação de liberdade, creio no poder fecundante da liberdade.

Homem da caserna, creio nas virtudes da disciplina, da ordem, da unidade de comando. E creio nas messes do planejamento sistematizado, na convergência de ações, no estabelecimento das prioridades. E, porque assim o creio, é que tudo farei por coordenar, integrar, totalizar nossos esforços — tantas vezes supérfluos, redundantes, contraditórios, dispersivos — em uma tarefa global, regida por um grande plano diretor.

Homem da caserna, creio nos milagres da vontade. E, porque o creio, convoco a vontade coletiva, a participação de todos os que acreditam na compatibilidade da democracia com a luta pelo desenvolvimento, para que ninguém se tenha espectador e todos se sintam agentes do processo.

Homem de minha terra, creio nas potencialidades e na viabilidade econômica e social de meu País.

Creio no desenvolvimento como fenômeno global, interiorizado primeiro na alma de cada homem, para poder ganhar, então, a alma da terra toda.

Creio na função multiplicadora da empresa, e, porque assim o creio, buscarei fortalecê-la — sobretudo a empresa nacional — encontrando formas e processos de baratear-lhe os custos de produção, para que se fortifique e mais produza. E me empenharei no sentido da utilização racional e efetiva do território brasileiro, na vivificação das estruturas municipais, na atenuação dos desequilíbrios regionais.

Homem de meu tempo, tenho pressa. Sei que, no ano 63, antes da Revolução, nosso crescimento era nenhum e que a inflação se aproximava de cem por cento. Sei que hoje nosso crescimento oscila entre 6 e 7% e que a inflação decresce, já agora em nível de alguma estabilidade. Sei que nos últimos anos avançamos no fortalecimento das instituições econômicas, edificando, não só a estrutura, mas a mentalidade de planejamento, programação e orçamentação. Homem de meu tempo, sei que essa metodologia e êsse ritmo de crescimento, por si sós, já não nos bastam, que urge acelerar o processo; que “o minuano para enganar a miséria, geme e dança pela rua”; que penso nas vidas que virão; penso nas dores futuras; penso no século que vai nascer.

Homem de meu tempo, creio no surto industrial brasileiro, em bases estáveis, de vivência nossa, de nosso exclusivo interesse, buscando-se a evolução, o mais cedo que se possa, dos tempos de filial para os tempos de matriz.

Homem de meu tempo, creio na mocidade e sinto na alma a responsabilidade perante a História. E, porque o sinto e o creio, é que darei de mim o que puder pela melhor formulação da política de ciência e tecnologia, que acelere nossa escalada para os altos de uma sociedade tecnológica humanizada.

Homem de meu tempo, tenho fé em que possamos, no prazo médio de meu governo, preparar as bases de lançamento de nossa verdadeira posição nos anos 2000 e assegurar a nossa participação em programas nuclear e espacial, sempre que sirvam para a aceleração do desenvolvimento brasileiro.

Homem da Revolução, eu a tenho incontestável, e creio no ímpeto renovador e inovador de seus ideais. E, porque a tenho assim, é que a espero mais atuante e progressista. E, depois de aceito o desafio econômico, eis à nossa frente o desafio tecnológico.

Homem da Revolução, é meu propósito revolucionar a educação, a saúde, a agricultura, para libertar o nosso homem de seus tormentos maiores e integrar multidões ao mundo dos homens válidos.

E, para isso, convoco a Universidade, chamo a Igreja, aceno à empresa, e brado ao povo para que me ajude a ajudar o homem a ajudar-se a si mesmo.

Homem da lei e do regulamento, creio no primado do Direito. E, porque homem da lei, é que pretendo velar pela ordem jurídica. E, homem, de pés no chão, sinto que, nesta hora, a ordem jurídica se projeta em dois planos. Vejo o plano institucional, destinado a preservar as conquistas da Revolução, vejo o plano constitucional, que estrutura o Estado e assegura o funcionamento orgânico dos Podêres. Estou convencido de que é indispensável a coexistência dessas duas ordens jurídicas, expres-

samente reconhecida pela Constituição, fundada no imperativo da segurança nacional, e coerente enquanto fôr benéfica à defesa da democracia e à realização do bem comum.

Homem da lei, sinto que a plenitude do regime democrático é uma aspiração nacional. E, para isso, creio necessário consolidar e dignificar o sistema representativo, baseado na pluralidade dos partidos e na garantia dos direitos fundamentais do homem. Creio em que os partidos políticos valem como forças vivas que atuam sobre a vida nacional, quando a dinâmica das idéias prevalece sobre a pequenez dos interesses pessoais. E sinto que urge fortalecer o Partido da Revolução, para que êle seja, não só o sustentáculo dêste governo, mas uma verdadeira escola de política nacional harmonizada com o pensamento revolucionário. E espero da Oposição que nos honre com o cumprimento de seu dever, apontando erros, aceitando acertos, indicando caminhos, fiscalizando e fazendo também a sua escola de democracia, dignidade e respeito mútuo.

Homem da lei, creio imperioso dotar o Brasil de novos códigos que reflitam os progressos da ciência jurídica, a atualização dos institutos e as inquietudes de um povo em desenvolvimento.

E, homem de fé, creio nas bênçãos de Deus aos que não têm outros propósitos que não sejam os do trabalho da vida inteira, os da justiça e os da compreensão entre os homens.

E creio nos milagres que os homens fazem com as próprias mãos. E nos milagres da vontade coletiva. Creio na humanização da vida dos severinos do campo. E na solidariedade da família brasileira. Creio na alma generosa da mocidade. Creio na

minha terra e no meu povo. Creio na sustentação que me haverão de dar os soldados como eu. Creio no apressamento do futuro.

E creio em que, passados os dias difíceis dos anos 60, amanhecerá, na década de 70, a nossa hora.

E creio na missão de humanidade, de bondade e de amor que Deus confiou à minha gente.

E, porque o creio, e porque o sinto, no arrepio de minha sensibilidade, é que, neste momento, sou oferta e aceitação.

E aceito, neste símbolo do Govêrno da República, a carga imensa de angústias, de preocupações, de vigílias — a missão histórica que me foi dada. E a ela me dou, por inteiro, em verdade e confiança, em coragem, humildade e união. E a ela me dou, com a esperança acesa no coração, que o vento de minha terra e de minha infância, que nunca me mentiu no seu augúrio, está dizendo que Deus não me faltará, está me trazendo o cheiro de minha terra e de minha gente.

E, com a ajuda de Deus e dos homens, haverei de pôr na mão do povo tudo aquilo em que mais creio.

(Discurso de posse, pronunciado a 30-10-1969).

TEMPO DE RECONSTRUÇÃO

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

"Minha presença, nesta hora primeira de meu Governo, em Convenção assim partidária, pretende significar que é chegado o tempo de reconstrução de nossa vida política."



SENHORES Convencionais da Aliança Renovadora Nacional.

Ao chegar ao círculo dos homens desta Aliança, meu pensamento volta aos que vieram antes de mim. Minha emoção move a roda do tempo e traz comigo a ausência nunca aceita do Presidente CASTELO BRANCO, de cuja sensibilidade política nasceu a idéia de um grande Partido da Revolução. A homenagem de minha admiração não pára, e escuta, no silêncio vigilante do Marechal COSTA E SILVA, as vozes da memorável Convenção Nacional que, em maio de 1966, sagraram o nome do primeiro Presidente eleito pela ARENA. E, nessa homenagem, minha mão encontra a mão amiga e solidária de meu grande antecessor.

No princípio de seu caminho, todo nôvo Presidente pretende dizer-se, desde logo, Presidente de uma nação inteira. É mesmo da boa vivência democrática que, à divergência para escolher, suceda a convergência para governar.

Meu amor à verdade, a coerência de minha vida, meu compromisso de lealdade comigo mesmo, com os outros homens e com todo homem, não me permitem assim me afirmar de pronto. Aqui cheguei sem qualquer vinculação partidária. Trouxe-me a

esta origem o terceiro impulso da Revolução de Março, de que fui soldado e o destino agora me faz Capitão.

Empenho-me, então, na arte ou na ciência do governo de meu povo, e sei que, políticos ou burocratas, tecnocratas, militares, bacharéis, sempre haverá alguém a quem toque a missão de exercitá-la.

Não venho no tempo de contemplar passado, no tempo de maldizer enganos cometidos, ou de fazer projeções sobre o que seria se assim não tivesse sido. Também não é tempo de euforia, de narcisismo, de holofotes sobre o muito que já se logrou fazer na imensidão do que ainda não foi feito, que esta, sim, necessita de tôdas as nossas luzes.

Minha presença, nesta hora primeira de meu Governo, em Convenção assim partidária, pretende significar que é chegado o tempo de reconstrução de nossa vida política. Antes que tudo, a presença é afirmação de minha fé revolucionária. Aqui venho cedo porque êste é o Partido da Revolução, o agrupamento de homens a quem cumpre dar sustentação política a meu Governo — até mesmo para que a plenitude democrática se adiante — e semear, no chão das gentes que os elegeram, as sementes da duração de nossos ideais no exercício do poder.

Ninguém deve concluir que a minha assinatura no livro do Partido queira dizer que, tão logo investido na Presidência, já me disponho a trocar a firmeza do capitão pela habilidade do chefe político.

Desejo proclamar que esta filiação partidária é um ato de comando, que não transfiro, nem delego a ninguém, as responsabilidades superiores de condução dos problemas nacionais.

LA filiação a meu Partido, nas circunstâncias em que cheguei a êste vértice, num momento de perplexidade e de paralisia do sistema representativo, quero-a — não apenas um estímulo aos meus correligionários — antes o desafio de renovação de tôda a política nacional.

Sei que tantos preferiam não houvesse aqui renovação; que partíssemos do nada; em lugar de reconstruirmos, tudo fôsse dado por perdido e fizéssemos, com as nossas próprias mãos, a casa nova, desde os alicerces. Sou dos que não têm indispensável destruir os mundos existentes para construir o mundo que sonhamos. E sei que isso seria colocar na mesma vala o que tanto se errou e o que de bom se fez.

Conheço as inspirações que puseram em marcha êste Partido, e não ignoro suas contradições, incoerências, culpas. Sei de muita lição de idealismo e de renúncia. Estou ciente de tantos esforços, feitos de baixo para cima, que êsse é o bom sentido de edificar as estruturas da renovação política.

Vejo que até as palavras que escrevem o nome de nosso Partido respondem a inspirações mais profundas. Sinto que a aliança é a nossa força — a união, a harmonia, a fidelidade. Quem se tem renovador não sucumbe ao desalento, mas recomeça e reforma, rejuvenesce, restaura, revigora. Compreendo nacional, o que supera as ambições provincianas e as questiúnculas de campanário, para compor, na diversidade dos regionalismos e nas legítimas aspirações da gente de tôda parte, um projeto integrado de Brasil potência. E encontro em nossa sigla a síntese e a advertência; que a ARENA não seja um lugar de contenda, antes um campo de discussão, e, sempre, o chão de gladiar em favor dos interesses da Pátria e do povo.

Trago para o Partido, no ato de minha filiação, as mesmas convicções três vêzes confessadas à Nação. Confirmo o meu credo democrático, como substância de mim mesmo e como ideal que o Brasil haverá de alcançar.

Pretendendo deixar, ao término de meu período governamental, definitivamente instaurada a democracia em nosso País, quero deixar bem claro que o alcance dêsse objetivo depende muito mais dos militantes da política partidária, que do próprio Presidente da República.

E aí está, na consciência dessa realidade, a escolha do Deputado RONDON PACHECO para a Presidência da ARENA, amadurecido no trato dos problemas nacionais sob o ângulo do Poder Executivo, e pleno de energias mōças para a grande obra da renovação.

Estou convencido de que a validade de um Partido Político depende do tecido de suas células, da estruturação e do bom funcionamento dos núcleos comunitários menores — do bairro, da região administrativa, do distrito, do município.

Só compreendo Partidos Políticos abertos à comunidade de cada povoado, em que as gentes se reúnam como amigos, debatam os problemas locais, sejam informadas das questões dos núcleos maiores, pesquisem, estudem, aprendam, exercitem liderança, interiorizem espírito público e completem a própria formação cívica.

Vejo-os escolas de política, de âmbito correspondente ao degrau da escala administrativa, escolas em que se exercite e se aperfeiçoe a dinâmica da vida democrática. Vejo-os a levantarem e a avaliarem as conjunturas, marcando objetivos, elabo-

rando planos, programas e projetos integrados, para a comunidade local, para a comunidade regional, para a Nação.

Busco Partidos que, ao chegarem ao Poder, tragam consigo planos viáveis e homens capazes de empreendê-los, de tal forma que, a cada mudança de governo, de qualquer nível, não estejamos sempre começando tudo outra vez do marco zero.

Nosso País merece ter Partidos que, fora do Poder, perseverem na melhoria de seus planejamentos, intensifiquem a messe das idéias construtivas, fiscalizem o trato dos negócios públicos e somem a colaboração de seu idealismo à obra da comunidade.

Só compreendo Partidos Políticos que chamem gente — formem, selecionem, pós-graduem líderes — e que tornem a representação mais autêntica, de tal forma que o delegado da vontade popular seja sempre aquêle, no consenso de todos, o mais capaz, o mais abnegado, o mais idealista.

Almejo conhecê-los com imaginação criadora, para a busca de novas metodologias de exercício do Poder, que acelerem e objetivem a formulação legislativa e assegurem a sua execução.

Antevejo Partidos que façam evoluir a Ciência Política no sentido do encontro de novos módulos do governo dos povos — em proveito da paz, do bem-estar e do entendimento entre os homens — e elaborem uma doutrina política brasileira, consentânea com a índole de nosso povo, a realidade nossa e a marca dos novos tempos.

No livro que assinei, na palavra que digo, na convivência dos que aliam suas mãos no impulso renovador da vida nacional, vim trazer minha pedra

de construir futuro, meu propósito de valorização e dignificação do sistema representativo brasileiro.

Meu gesto de filiação partidária não é sectarismo, não visa ao dissenso, antes ao alento e à confiança. Quero o fortalecimento dos Partidos, o trato altaneiro das questões nacionais, a diversidade nos caminhos, a convergência nos fins, sem que se pense necessária a coalizão.

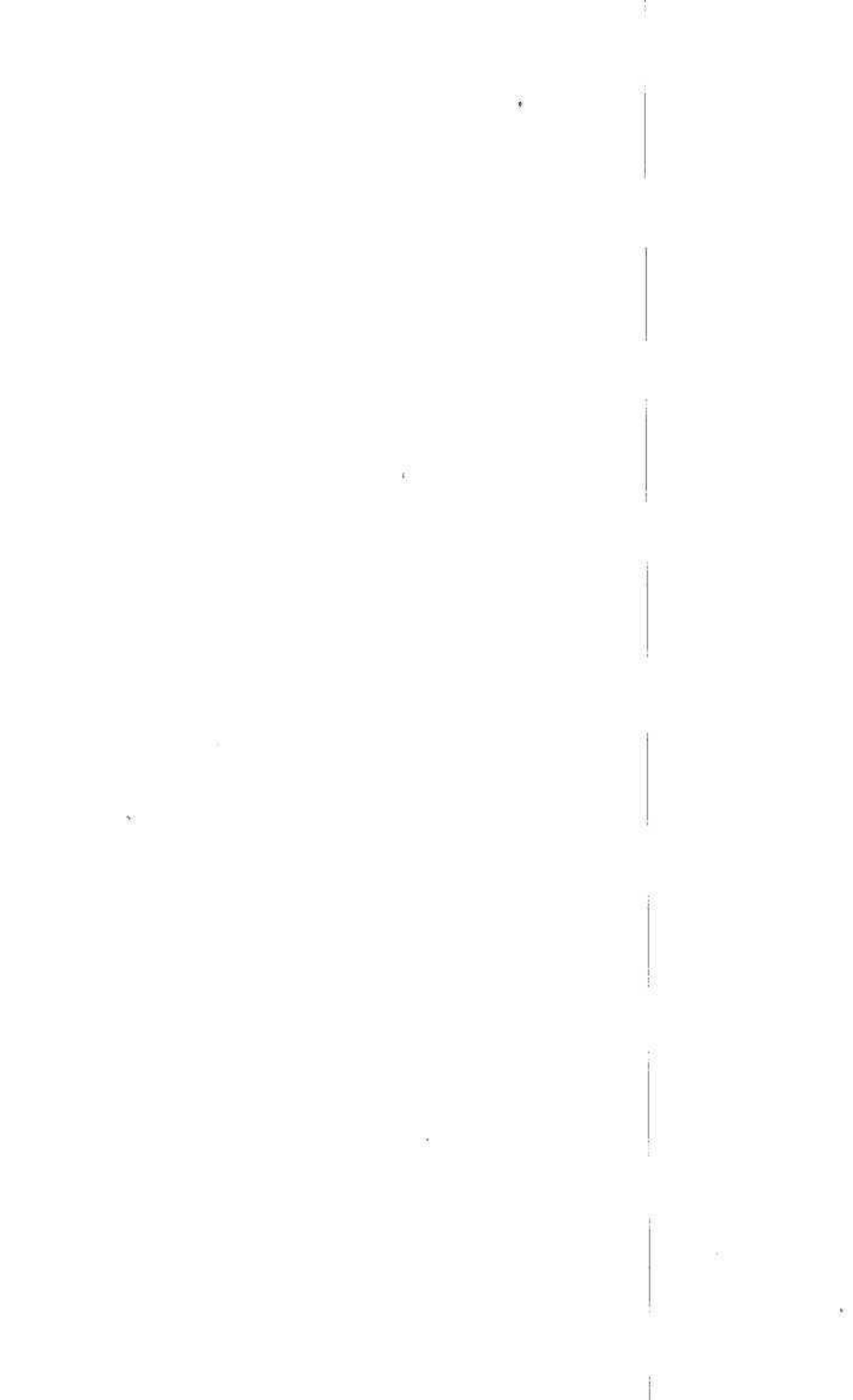
Vislumbro uma forma superior de democracia, em que se debatam as idéias com grandeza, em que se encare o futuro sem preconceitos, sem ódios, sem temores. E confesso almejar o dia de merecer o consenso de minha gente, em tórno das decisões que o interêsse de meu País me haverá de iluminar.

Com os olhos nesse horizonte, o pensamento no povo e o ideal de entendimento e de união entre os homens interiorizado dentro de nós, comecemos — pacientes, determinados, desprendidos — nosso trabalho de pedreiros da verdadeira democracia dos novos tempos do Brasil.

Ao trabalho, pois, Senhores Convencionais. Comecemos hoje o amanhã.

(Discurso pronunciado na Convenção da ARENA, em 20-11-1969).

VOLTEI-ME PARA DEUS



"Ontem, Dia Nacional de Ação de Graças, como em cada dia, mais que em todos os dias dêste comêço de meu Govêrno, voltei-me para Deus."

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

SENHORES membros do Grupo Parlamentar Cristão.

Ontem, Dia Nacional de Ação de Graças, como em cada dia, mais que em todos os dias dêste comêço de meu govêrno, voltei-me para Deus. E, nos passos do solene *Te Deum* no Palácio do Planalto, despojei-me todo e, homem só, deixei cair a Seus pés a minha gratidão.

Agradei tudo o que, a mim e aos meus, dado me foi. Agradei ao Criador as graças da criatura qualquer, agradei-Lhe a vida e a saúde, a família e o amor, a esperança e a paz, meu caminho, meu tempo, minha luz.

Hoje e aqui, na mesa do almôço do Grupo Parlamentar Cristão, alimentando-nos do mesmo pão e do mesmo vinho — altar e ato de adoração — quero confessar que êste meu Dia de Ação de Graças foi diferente dos outros de minha vida, por ter ido agradecer ao Deus de todos nós a confiança de meu povo, que, se acendendo à minha volta, sinto acender-me o ânimo para melhor servir-lhe.

Quero dizer também que, se o Dia de Ação de Graças tem o encantamento de ser aquêle em que se reza à margem da necessidade e da aflição, a celebração da casa farta não deverá cegar-nos a

visão da carência. E, se a bem-aventurança nos unge a existência, apelo para que nos aproximemos dos que não foram contemplados.

E convoco todos a que, filhos do mesmo Deus, nos demos, uns aos outros, as graças e as mãos.

(Alocução de 28-10-1969).

INTEGRAÇÃO DA AMAZÔNIA

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

"A integração social, que o Governo está firmemente disposto a promover em relação às populações do território amazônico, não é, porém, encargo de que êle possa desincumbir-se sòzinho, exclusivamente através de investimentos públicos. À iniciativa privada, mediante os estímulos que lhe estão sendo oferecidos, toca igualmente papel decisivo no cumprimento dêsse programa."

A criação da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), que hoje completa o seu terceiro aniversário, insere-se no amplo contexto das medidas adotadas pelo Governo para realizar, segundo os postulados da Revolução de 31 de Março, a política de integração do vasto território amazônico no esforço comum pelo desenvolvimento nacional.

A imensidade da tarefa não desanima aqueles que têm a consciência clara da imprescindibilidade e da urgência da sua concretização. Não é bastante considerar que o destino das gerações futuras depende daquilo que agora se fizer para arrancar do esquecimento, a que até há bem pouco se via relegada, essa região de proporções continentais. Temos deveres, certamente, para com as gerações futuras, mas pesam também sobre nossos ombros obrigações prementes no tocante à geração que aí está. Cumpre-nos olhar para o homem concreto e presente, que precisa ser acudido, a fim de que sua vida não transcorra, sem remédio, em condições que o colocam abaixo da linha da pobreza.

A integração social, que o Governo está firmemente disposto a promover em relação às populações do território amazônico, não é, porém, encargo de que ele possa desincumbir-se sozinho, exclusiva-

mente através de investimentos públicos. À iniciativa privada, mediante os estímulos que lhe estão sendo oferecidos, toca igualmente papel decisivo no cumprimento desse programa.

Muito espera o Govêrno, para alcançar os objetivos a que se propõe, da ação que à SUDAM cabe desenvolver dentro da sua competência de planejar, executar e superintender a ação federal no território sob sua jurisdição.

Não tem faltado, no âmbito do esforço pelo desenvolvimento e integração da Amazônia, a cooperação eficiente e patriótica das Fôrças Armadas. A sua contribuição não é de caráter meramente militar, pois transcende êsses limites para revestir-se, ainda, de aspectos econômicos e sociais do maior relêvo.

A quantos dão o melhor de si mesmos em prol do êxito da "Operação Amazônia" quero dirigir uma palavra de incentivo e agradecimento, não só pelo muito que já fizeram, mas pelo que ora são ainda conclamados a fazer para que sejam plenamente alcançados os altos objetivos, em cuja realização todos nos empenhamos.

Desejo, entretanto, neste momento em que a SUDAM completa um triênio de existência, dirigir-me, de modo especial, àqueles que, nos quadros dessa entidade, dos postos menos elevados aos postos mais altos da escala hierárquica, se devotam ao cumprimento dos seus deveres funcionais, para dizer-lhes que o Chefe da Nação empenhará a autoridade do seu cargo no sentido de que sejam atingidos os fins para os quais essa instituição foi criada.

(Mensagem presidencial lida pelo Ministro do Interior, em 28-11-1969).

PREVALÊNCIA DO NORDESTINO SÔBRE O NORDESTE

1

2

3

4

5

6

7

8

9

"Quero dizer ao Nordeste e ao nordestino que, passados dez anos de vida da SUDENE e encerrados os ciclos de dois Governos Revolucionários, em que se criou muito mais uma estrutura econômica que uma estrutura social, o meu govêrno pretende orientar sua política no sentido da prevalência do nordestino sôbre o Nordeste."

1. 1. 1.

2. 2. 2.

3. 3. 3.

4. 4. 4.

5. 5. 5.

6. 6. 6.

7. 7. 7.

8. 8. 8.

9. 9. 9.

10. 10. 10.

11. 11. 11.

Ao ver passarem os dez anos da presença da SUDENE na vida nacional, assim aferrado às tarefas básicas do comêço de meu govêrno, nesta hora de aceitar desafios e de marcar rumos novos, meu pensamento se volta para o Nordeste — sua gente, suas potencialidades, seus problemas; angústias, anseios, esperanças de multidões; seu telurismo, sua coragem, seu sortilégio, seu indomável sentimento de brasilidade.

Junto-me à homenagem de uma Nação inteira à SUDENE consolidada, e venho identificar-me às alegrias do povo nordestino, assegurar-lhe minha solidariedade ao esforço coletivo de mudança e trazer-lhe a certeza da aceleração do impulso criador de seu desenvolvimento.

Pressente-se que o marco desta comemoração está na fronteira de dois tempos. No escoar a década dos anos 60 — em que a SUDENE marcou a presença de todo o Brasil no Nordeste — é chegada a hora de antecipar o tempo da grande presença do Nordeste no Brasil.

Bem se lembra a Nação das décadas de 40 e 50, a gravarem o problema social nordestino na consciência do povo brasileiro, acesa pelo clamor das vozes de nossa inteligência. Ninguém esqueceu as

grandes estiagens dos anos 50, ninguém esquece a seca de 58, não só pelos dramas da terra e do homem, senão por haver precipitado o advento dessa modelar agência de desenvolvimento regional.

Sabe a Nação que os primeiros anos da SUDENE foram de formulações teóricas, de tentativas tímidas ou insinceras, de embate entre o idealismo ingênuo e a demagogia calculista, entre a prospecção e a inconseqüência. E é testemunha de que ela só se firmou depois da Revolução de Março, que fez, de sua consolidação, compromisso e ponto de honra.

Prova disso foi a determinação com que os Governos Revolucionários chegaram ao Nordeste, nos passos de uma estratégia que se caracterizava por concentrar o esforço governamental nas tarefas de planejar, de coordenar, de pesquisar os recursos naturais, de implantar e aperfeiçoar uma infra-estrutura econômica, ao tempo em que se incentivava a iniciativa privada à criação de um processo auto-sustentável de desenvolvimento.

Sentimos os dois primeiros Governos da Revolução empenhados em criar um centro dinâmico de produção industrial, suporte e mola propulsora do crescimento econômico, que haverá de absorver nossas disparidades inter-regionais. E presenciamos sua luta no revolucionar a infra-estrutura regional de transportes, comunicações, energia e saneamento básicos.

Encerrada esta década em que tanto se ouviu falar da SUDENE, mede-se o acerto de sua criação, muito menos pela elevação dos índices econômicos e pelos sinais do surto de progresso, e muito mais no despertar do espírito empresarial e de uma men-

talidade nova, voltada para o desenvolvimento, confiante no futuro.

É oportuno declarar que o meu govêrno se identifica com a obra de seus antecessores no Nordeste, dando tudo de si para aperfeiçoá-la e acelerar-lhe a impulsão.

Com êsse propósito, manteremos o tratamento preferencial e os incentivos fiscais e financeiros concedidos à região nordestina, com prioridade para a melhoria de suas condições sanitárias, educacionais, alimentares e habitacionais.

Quero dizer ao Nordeste e ao nordestino que, passados dez anos de vida da SUDENE e encerrados os ciclos de dois Governos Revolucionários, em que se criou muito mais uma estrutura econômica que uma estrutura social, o meu govêrno pretende orientar sua política no sentido da prevalência do nordestino sôbre o Nordeste.

Para isso, estaremos atentos aos problemas de terras e de homens, a modernizar a agricultura, a racionalizar as bases da Agro-Indústria Canavieira, a incrementar a produtividade, a desenvolver a lavoura de sustento, a melhorar a comercialização dos produtos e a construir centrais de abastecimento.

Buscaremos o fortalecimento das estruturas político-administrativas, indispensável à eliminação das disparidades entre sub-regiões e entre unidades federadas. E marcharemos ao encontro de soluções para os problemas de desemprego e subemprego, incluindo a ampliação de oportunidades de formação e treinamento de mão-de-obra especializada.

Orientaremos os incentivos fiscais e creditícios para finalidades muito mais de profundidade que de superfície, de tal forma que os investimentos não se

dispersem, não se pulverizem, não se malbaratem em iniciativas oportunistas, enganadoras, artificiais ou inconsistentes, antes se concentrem em cometimentos multiplicadores, produtivos, permanentes, capazes de realizarem a verdadeira humanização de tanta paisagem ainda sub-humana.

Olhando de frente o imenso contingente de moços, que faz tão jovem o velho Nordeste, quero dizer, ao Nordeste e ao nordestino, que tudo darei de mim por um esforço substancial no campo da educação e pela renovação dos quadros dirigentes.

E desejo pedir aos moços que, me ajudando a desterrar a miséria, também me ajudem a banir a exploração da carência dos mais necessitados pelos interesses políticos ou promocionais que, no passado e ainda hoje, tem feito a fortuna e a glória triste de tantos aventureiros.

Com êsses propósitos, meu pensamento e minha palavra antecedem a presença do nôvo Presidente no Nordeste, para que se convoquem todos quantos assim o sintam e assim o queiram; que o Govêrno não faz tudo, que o Govêrno Federal não prescinde do esforço convergente dos governos estaduais e municipais, de tôdas as autoridades dos vilarejos esquecidos, das instituições, das comunidades, da igreja, da mocidade, da inteligência, do trabalho, da vontade e da coragem do povo todo.

E se chamo a todos, para juntos tornarmos ainda mais fecunda a ação da SUDENE, é que, sentindo, no Nordeste, a grande fronteira do Brasil com o mundo, só o compreendo dignificado, produtivo e forte, para repetir, através dos tempos, a determinação e a resistência, a altivez e o desafio dos Guararapes.

(Mensagem presidencial lida pelo Ministro COSTA CAVALCANTI, do Interior, no 10º aniversário da SUDENE)

À GRANDE FAMÍLIA DE MEU POVO

14

15

155

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

“Neste meu primeiro Natal na grande família de meu povo, peço a Deus que me ajude a ligar-me a todo homem, para que possa levar a cada um o mesmo voto, a mesma dádiva que outrora eu só fazia ao conhecido, ao próximo, ao amigo, aos meus.”

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

NESTE meu primeiro Natal na grande família de meu povo, peço a Deus que me ajude a ligar-me a todo homem, para que possa levar a cada um o mesmo voto, a mesma dádiva que outrora eu só fazia ao conhecido, ao próximo, ao amigo, aos meus.

O Natal, antes que o destino me impusesse a vinda que eu não quis, era-me, então, o tempo de repassar os caminhos de JESUS no fundo de minha consciência, tempo de felicitar e ser felicitado, de ser abraçado e abraçar, tempo de lembrar e ser lembrado.

Nesta noite e neste dia de Natal, quero voltar-me primeiro para os de mim distantes. Não somente para os despercebidos, os ignorados, os anônimos, os silenciosos, os invisíveis, senão também os contrários, os discordantes, os indiferentes e os crestados pela desesperança.

Penso nos sofridos e nos amargurados, nos injustiçados e nos magoados, nos humilhados e nos carentes — da carência, da humilhação, da mágoa, da injustiça, da amargura e da dor que não cheguei a tocar, ou que, se tocadas, ainda me faltam forças ou tempo para ajudar a mudança.

Volto-me para os solidários, para os que têm olhos para chorar, lábios para rezar, braços para

encurtar as distâncias e energias para levar às últimas conseqüências as premissas da brandura; mas também me volto para os hostís, para os que só têm braços para a violência e bôca para o vilipêndio; volto-me para os que cegaram os próprios olhos na obstinação de não quererem ver e para os ressecados de todo afeto.

Quisera que meu aceno de Natal chegasse à janela de tôda rua, ao mirante de todo morro, ao banco de tôda praça, ao átrio de tôda crença — a todo sistema, tôda convicção, todo ideal — para que pudéssemos colher, na renovação do mistério de Belém, o milagre de nossa união.

A todos os brasileiros trago meu voto de que, se chegando ao presépio do Deus Menino, cada qual encontre, não apenas seu consôlo, sua paz, sua bem-aventurança, mas se encontre a si mesmo como um homem nôvo — acima da cupidez, do ódio, da inveja, do egoísmo — capaz de reinventar a própria vida, para que se ilumine o caminho de nossa própria vocação.

(Mensagem divulgada pela Secretaria de Imprensa a 23-12-1969).

OS QUATRO HORIZONTES DO FUTURO

"Venho lembrar que esta passagem do ano é a hora zero de tôdas as nossas perspectivas. É que, nas últimas sombras desta noite, estarão amanhecendo os quatro horizontes do futuro próximo: o Ano Nôvo, o quadriênio de meu govêrno, a década de 70 e os últimos trinta anos dêste século — quatro horizontes, quatro tempos, quatro desafios à capacidade brasileira de amadurecer e de competir."

BRASILEIROS de tôda parte, meus amigos..

Dois meses só depois de que chegasse, vem outra vez o nôvo Presidente falar a todo homem no seu lar. E, se me alio às alegrias desta hora, solidário me faço na esperança, trago meu voto e peço o seu a cada um.

Bem sabemos que o tempo não termina, nem pára, recomeça ou volta atrás; e que, dentro de todos nós, o Ano Nôvo é sempre um caminho que começa a caminhar.

A convenção nos diz, a alma assim o quer, esta noite é fim e é princípio. É tempo de retrospecto; de rever o que passou; de retemperar nossa vontade e de fazer previsões. Tempo de firmar propósito e de jurar vida nova; tempo de enxugar a lágrima da esperança morta e de acendê-la outra vez.

Cada qual vive esta noite como sente o coração. Há o gesto gregário de juntar-se à família, para que nos tenhamos mais fortes nas incertezas que virão. Há a humildade diante de Deus, no rito da crença de cada um. Há os que abrem a alma para a alma das ruas e também os que a escondem e se diluem no próprio desalento. E há os que vão buscar — no copo, na dança e no grito — as primícias de um doce ano, tantas vêzes até na ilusão da fuga.

De todos me aproximo, pelo pensamento e pela esperança renovada, nesta hora de travessia, no círculo de meus parentes, dos amigos perto de mim, e na família amplificada do povo de meu país.

Venho dizer-lhes o meu propósito, não venho dar nem prometer, que mais preciso hoje de pedir e de lembrar.

Venho lembrar que esta passagem do ano é a hora zero de tôdas as nossas perspectivas. É que, nas últimas sombras desta noite, estarão amanhecendo os quatro horizontes do futuro próximo: o Ano Nôvo, o quadriênio de meu govêrno, a década de 70 e os últimos trinta anos dêste século — quatro horizontes, quatro tempos, quatro desafios à capacidade brasileira de amadurecer e de competir.

Do apoio que me fôr dado no ano que vai nascendo, da participação ativa de nosso potencial humano, do acêrto das reformulações necessárias aos rumos governamentais, do dinamismo que logre transmitir ao poder público de alto a baixo, da passagem do papel à turbina, da transformação do instrumento legal em instrumento de luta em favor do povo, disso tudo — que não depende de um só homem, mas dos homens todos — espero fazer o meu caminho de 1970, para que clareie o nosso horizonte.

Lembro que o quadriênio da hora zero desta noite não me verá trazer palavras mágicas, nem planos milagrosos de transmutação total das expectativas realísticas e possíveis. Convencido estou da menor necessidade de novos planos que de determinação e constância para acionar e aperfeiçoar o que planejado existe. Para isso, busco alcançar

a estabilidade política, assim como a econômica e a social, definir as grandes prioridades nacionais, perseverar na ação, levar impacto a áreas estagnadas, remover tabus, expandir o mercado interno, abrir novas fronteiras comerciais — o que vale dizer plantar as bases do desenvolvimento estável e duradouro.

Na perspectiva sensata dêsse decênio dos anos 70 estará a resposta do povo brasileiro ao desafio de emergir de suas insuficiências sem mergulhar na escravidão.

Tudo começa hoje e sem tardança, até mesmo a quarta perspectiva, hora plena da geração universitária dos nossos dias. Quando essa ordenação austera e adulta de nossa vida socio-econômica der os frutos esperados, nessa decisiva década, o trintenário final do século XX haverá de ser a fase de expansão do nosso desenvolvimento emancipado e auto-sustentável.

Nesta noite de encantamento, de profecias, de augúrios, venho pedir — a todo brasileiro que coloca o Brasil acima de tudo — que não se esconda, nem se poupe, nem se limite, na timidez, na modéstia, ou sob disfarce qualquer.

Peço a cada homem que se revele por inteiro, que aceite a libertação de tôdas as fôrças construtivas de seu caráter. Que ninguém se vexa da bondade, da solidariedade, da pureza, da renúncia, como valores espúrios de um tempo de negação. Que ninguém se sinta menor por querer servir, compreender, participar e dar as mãos — nessa hora estranha em que se deifica o profano, o insólito, o aberrante, na desagregação da vontade coletiva.

Que cesse o desperdício do talento, da sensibilidade humana e da imaginação criadora, tantas vezes levando a reboque a licenciosidade, o escárnio e o deboche, a serviço do fácil enriquecimento pessoal ao preço de deseducar o povo, que determinados estamos a concentrar esforços na obra de educação nacional. *

A todos os homens de bem que se frustraram ou se enganaram, aos que procuram na contestação e na violência, encontrar o caminho que não é nosso, apelo façam hoje o seu exame de consciência e a si respondam sobre a perturbação e o retardamento que êsses descaminhos trazem à livre ascensão de nosso povo.

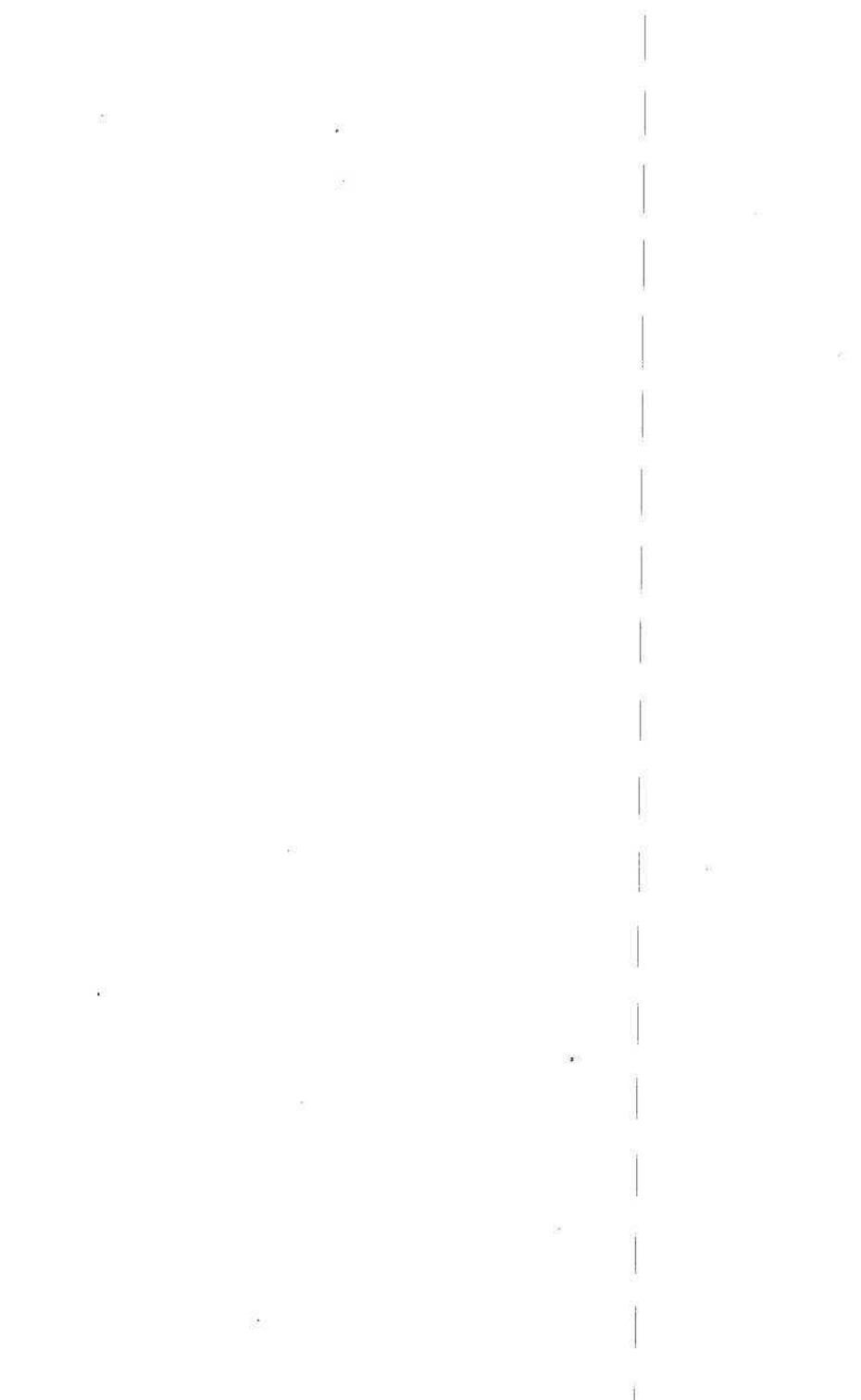
Venho pedir àqueles intelectuais de tôdas as frentes que pelo momento de glória triste de uma palavra ou de um gesto de sensacionalismo e de impacto, de distorção, de exageração ou de vaidade, não avaliaram os prejuízos para o crédito do País, que revejam as suas posições, em nome do Brasil a que amamos.

Volto-me para o homem heróico que cumpre no silêncio o seu dever, para que dêle receba, nos dias dêste ano, nos dias de meu quadriênio, a sua confiança e a sua fé. Que se faça ainda mais vigilante, para que não se acobertem a seu lado os irrecuperáveis, os que continuarem a roubar, a matar, a corromper, insensíveis ao chamamento da razão e do patriotismo.

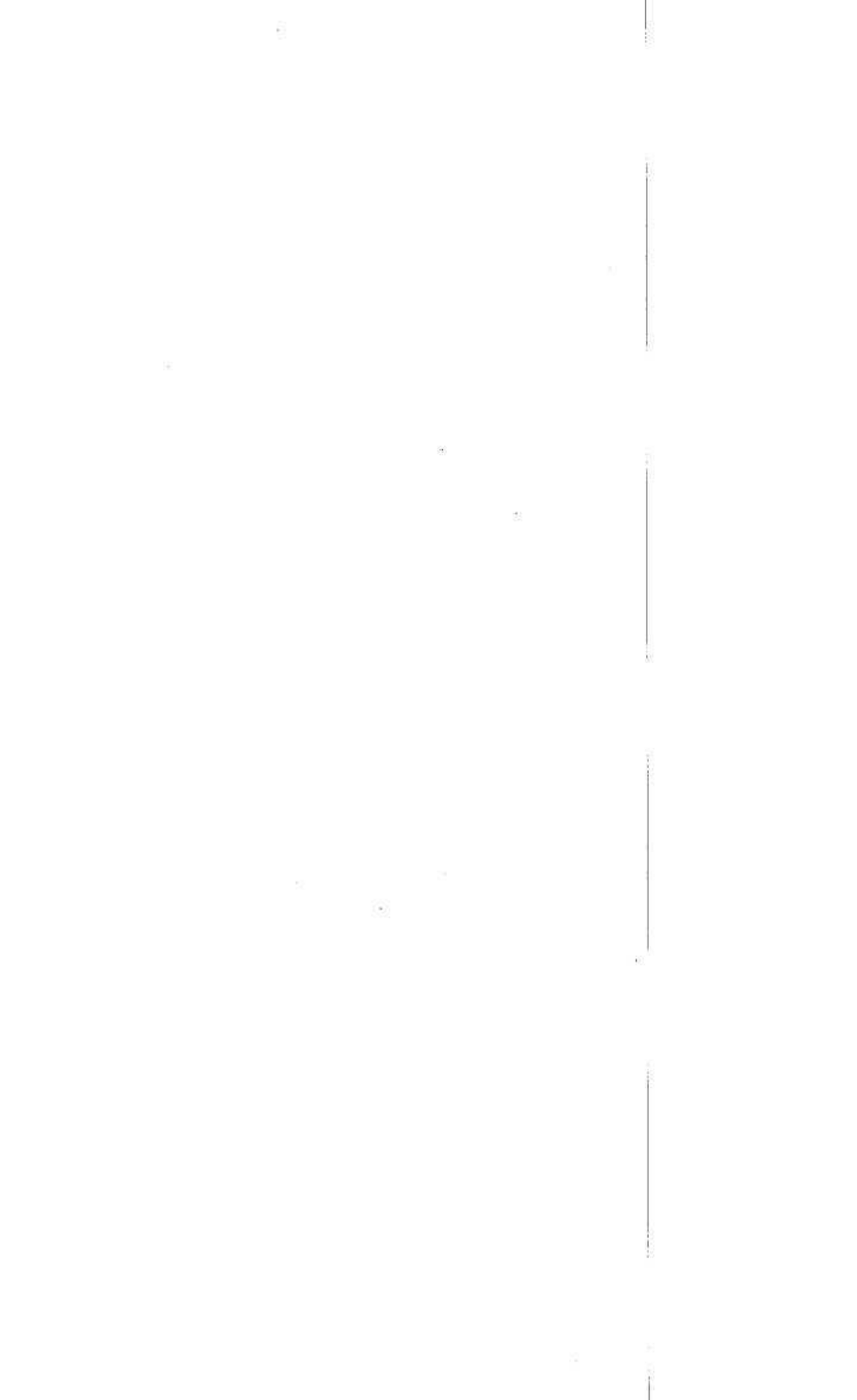
E eu darei, ao brasileiro que constrói êste Brasil, as energias tôdas de minha vida, o saldo de paz, de tranqüilidade, de segurança e de progresso, que frutificar de minha devoção ao bem público e à defesa inarredável do interêsse nacional.

É tanta a minha certeza na viabilidade econômica de nosso País que, assim pedindo, assim renovando o meu propósito de servir ao povo, sinto, no meu voto, a força das antecipações, certo de que Deus reserva ao nosso povo, neste ano de 1970, um feliz Ano Novo.

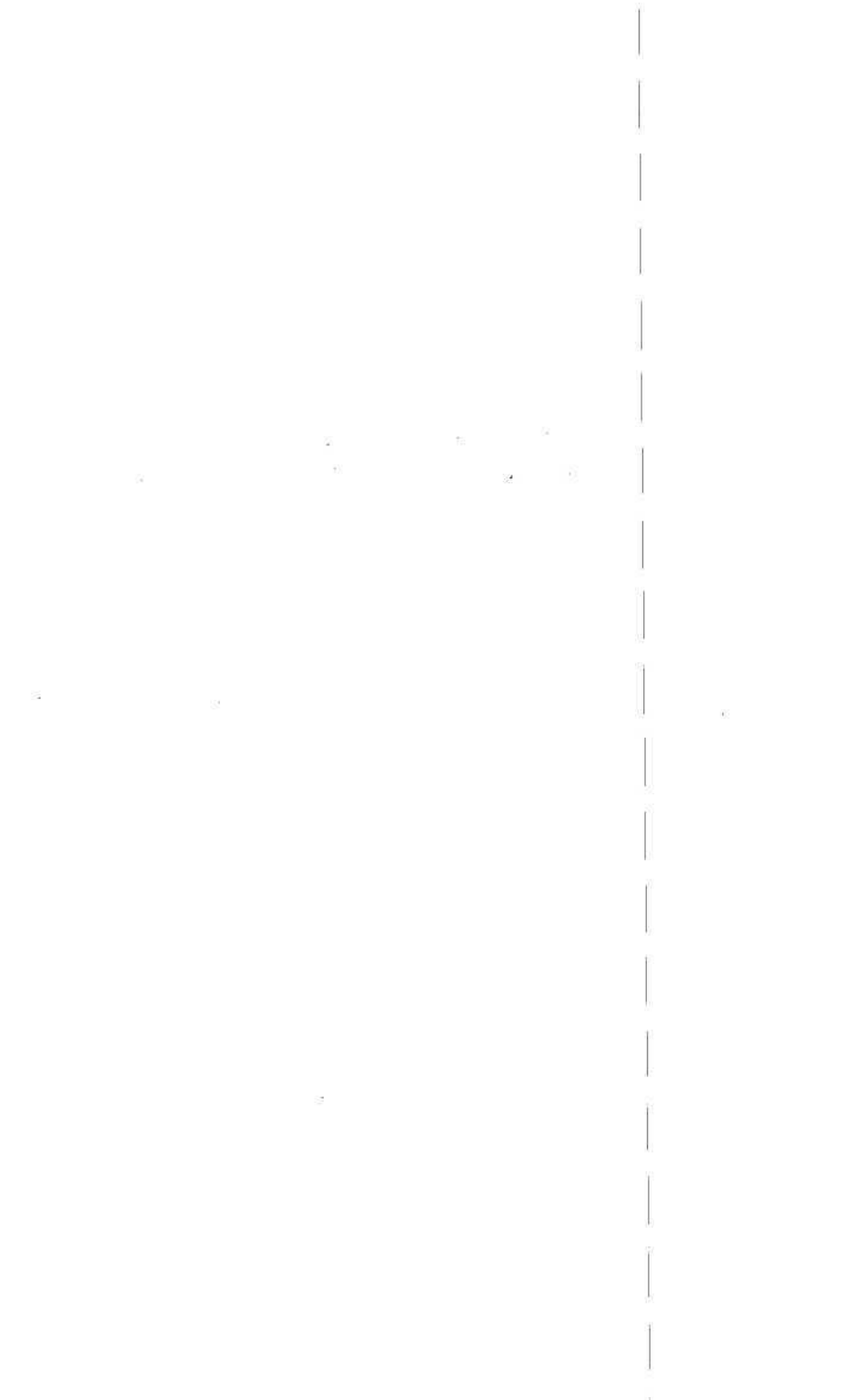
(Mensagem transmitida pelo rádio e pela TV a 31-12-1969).



ANEXO I



PRIMEIRAS DIRETRI-
ZES TRAÇADAS PELO PRESI-
DENTE EMÍLIO GARRASTAZU
MÉDICI A SEUS MINISTROS
DE ESTADO, EM REUNIÃO
MINISTERIAL.



1. Dentro de sua área de competência, cada Ministério promoverá as medidas necessárias à observância das normas e princípios constitucionais, sugerindo, especialmente, as providências que se fizerem indicadas para a execução das novas regras introduzidas, na Carta Política em vigor, pela Emenda n.º 1.

2. Sem quebra do desenvolvimento econômico do País, cujo ritmo se deve, não só manter, mas, ainda, acelerar tanto quanto possível, impõe-se, concomitantemente, a adoção de medidas pelas quais se venha a distribuir a renda global de modo mais equânime, a fim de que tôdas as camadas da população sejam beneficiadas pelo aumento da riqueza comum. Os Ministérios competentes proporão, com brevidade, as providências necessárias para a plena realização dêsse imperativo de justiça social.

3. O Governo adotará tôdas as providências ao seu alcance no sentido de conter o aumento do custo de vida. Os Ministérios, nos seus planos e programas de ação, não perderão de vista êsse propósito governamental, abstendo-se, assim, de medidas que possam contribuir, direta ou indiretamente, para que se frustre a sua realização. A par disso, os Ministérios, em ação coordenada, articularão entre si as medidas que reputarem indispensáveis para a consecução dêsse objetivo, submetendo-as, no

menor prazo possível, à apreciação da Presidência da República.

4. A ordem constitucional consagra o princípio de que os vencimentos dos cargos do Poder Legislativo e do Poder Judiciário não podem ser superiores aos pagos pelo Poder Executivo, para cargos de atribuições iguais ou assemelhadas. Com igual ou maior razão, essa mesma regra deve observar-se na esfera do próprio Poder Executivo, naquilo que diz respeito a cargos e funções das entidades pertencentes à administração indireta ou descentralizada, aos quais não se deve também conferir retribuição superior à que fôr paga, no âmbito da administração direta ou centralizada, pelo exercício de cargos de atribuições iguais ou assemelhadas.

5. A produção legislativa do período revolucionário introduziu em nosso ordenamento jurídico modificações de grande extensão e profundidade. Embora essa atividade se haja inspirado em princípios uniformes, não se acham estes traduzidos, nas regras jurídicas que se adotaram, de modo sistemático. Para que se simplifique, pois, e facilite o cumprimento do direito vigente, não só pelos administrados, como também pela própria administração, recomendo se promova, na medida do possível, a consolidação do nosso direito, dando-se prioridade à ordenação sistemática das normas legais referentes à matéria financeira, tributária, trabalhista e previdenciária, bem como à que entende com a locação predial e a propriedade rural.

6. Cada Ministério providenciará, tão pronto quanto possível, a execução dos projetos que já tenham sido aprovados pelo Governo, sugerindo, quando fôr o caso, as correções que se fizerem in-

dispensáveis. A elaboração de novos projetos só se deverá empreender quando isso não vier prejudicar o andamento dos projetos já aprovados.

7. Os núcleos centrais de todos os Ministérios devem desde logo ser transferidos para Brasília, reduzindo-se no mínimo a transferência de pessoal subalterno e auxiliar, que deverá ser recrutado e treinado, sempre que possível, no Distrito Federal. As autarquias, sociedades de economia mista, empresas públicas e fundações de direito público, cujas sedes legais se situem no Distrito Federal, mas que estejam funcionando de fato na Guanabara, deverão providenciar a efetiva instalação de sua administração central em Brasília, encaminhando aos respectivos Ministérios, até 28 de fevereiro de 1970, a programação para a mudança. As providências serão coordenadas pelo Grupo de Complementação da Mudança dos Órgãos da Administração Federal para Brasília (GEMUD).

8. Deverão ser suprimidos os órgãos desnecessários, evitando-se a dualidade de órgãos com atribuições coincidentes.

9. Os órgãos da administração direta e indireta, sempre que possível, deverão celebrar convênios com Estados e Municípios, para a realização de obras ou serviços, procurando obter participação local nos investimentos, com o objetivo de evitar a dispersão de recursos e esforços.

10. A negociação de empréstimos externos deverá obedecer às disposições do Decreto nº 65.071, de 27-8-69, que criou a Comissão de Empréstimos Externos (CEMPEX), para assegurar uma política harmônica de endividamento externo. As aquisições de produtos no exterior, realizadas por órgãos

da administração direta e indireta, deverão ser orientadas pela Comissão de Coordenação de Compras no Exterior. Da mesma forma, as contribuições do Brasil a organismos e entidades internacionais deverão ser objeto de prévio pronunciamento dos Ministérios do Planejamento e das Relações Exteriores, sobre seu mérito e conveniência, e do Ministério da Fazenda, quanto à sua exequibilidade financeira.

11. A criação de Grupos de Trabalho, no âmbito dos Ministérios ou interministeriais, deverá obedecer aos critérios de número reduzido de participantes e prazo definido para apresentação de conclusões. Os Ministérios devem criar cadastros de órgãos colegiados e grupos de trabalho, examinar a sua composição e, no caso dos grupos de trabalho, avaliar a conveniência da manutenção dos anteriormente criados.

12. A participação oficial brasileira em congressos, conferências e reuniões internacionais deverá ser organizada visando à eficiência e à redução de seu custo. O Ministério das Relações Exteriores organizará cronograma de reuniões internacionais de que o Brasil deverá participar, selecionando-as em entendimento com os Ministérios interessados. As previsões serão transformadas em programas contendo local, data e duração da reunião, composição genérica da respectiva delegação e recursos disponíveis para custeio. Na composição das delegações, será utilizado, preferencialmente, o pessoal diplomático do Brasil lotado no País onde se realiza a reunião e cuja participação é sem ônus para o Tesouro Nacional.

13. Objetivando informar a opinião pública, motivar a vontade coletiva para o esforço nacional

de desenvolvimento e contribuir para o prestígio internacional do Brasil, será estabelecido um Sistema de Comunicação Social, com base na atuação dos órgãos do Poder Executivo. Princípios de verdade, legitimidade, integração de esforços, eficiência e impessoalidade regerão a comunicação social do Governo. O órgão de direção central do Sistema será a Assessoria Especial de Relações Públicas. Integrar-se-ão ao Sistema os órgãos de Relações Públicas dos Ministérios e do Estado-Maior das Forças Armadas, bem como os órgãos similares da Administração Indireta.

(Primeiras diretrizes, lidas em reunião ministerial e divulgadas pela Secretaria de Imprensa, no dia 6 de janeiro de 1970).

100

100

100

100

100

100

100

100

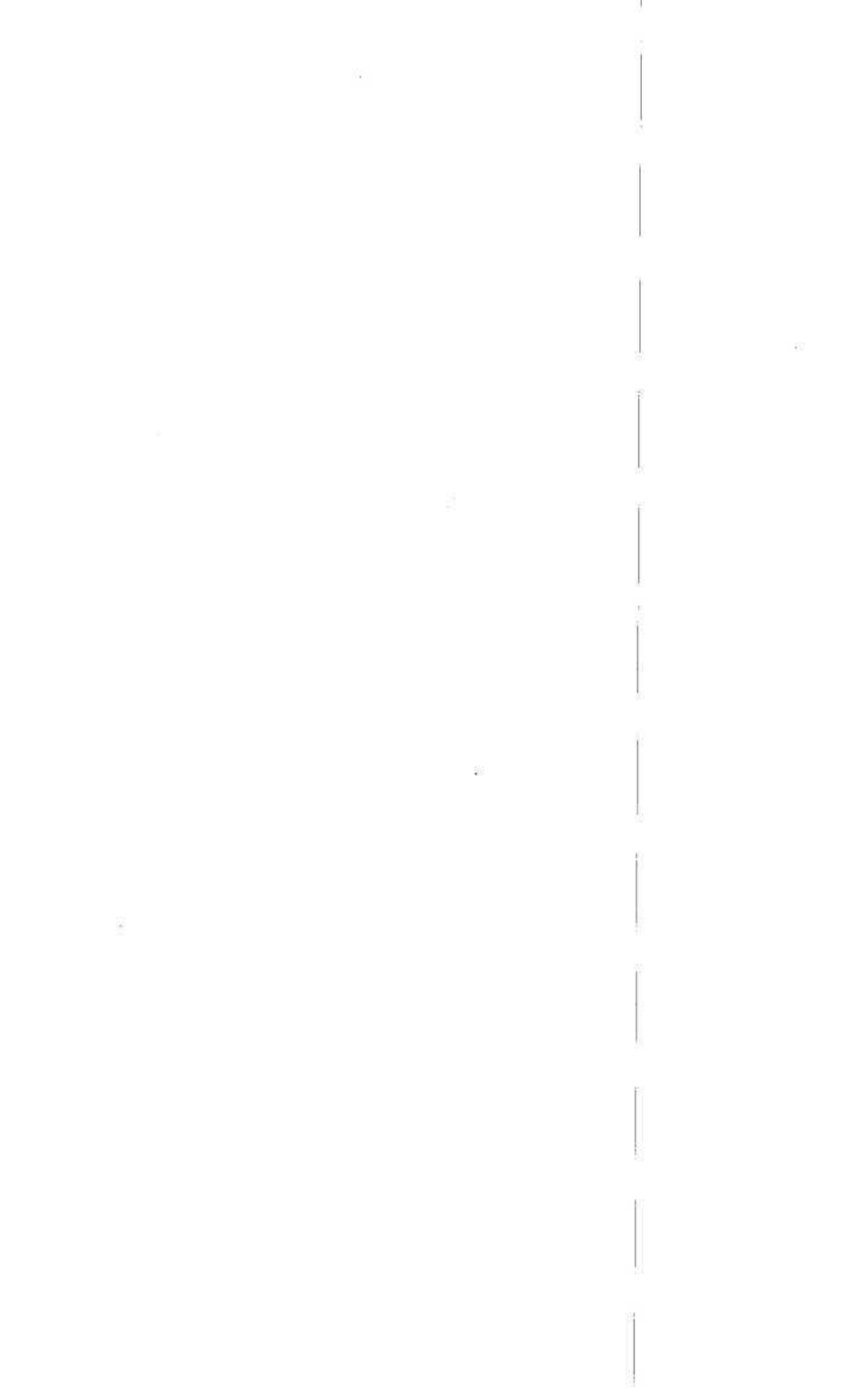
100

100

100

1892-1893

ANEXO II



PALAVRAS COM QUE O PRESIDENTE EMÍLIO GAR-
RASTAZU MÉDICI APROVOU
A DECISÃO CONJUNTA TO-
MADA POR SEUS QUATRO MI-
NISTROS — DA FAZENDA, DA
INDÚSTRIA E DO COMÉRCIO,
DO PLANEJAMENTO E DAS
RELAÇÕES EXTERIORES,
TRANSFERINDO OS FUNDOS
DA EXPO-72 ÀS OBRAS PRIO-
RITÁRIAS DA UNIVERSIDADE
DA ILHA DO FUNDÃO.



Aprovo a Exposição de Motivos Interministerial, tendo em conta para isso, especialmente, a exigüidade do prazo dentro do qual deveriam ser tomadas as providências necessárias para a realização da EXPO-72, bem como o risco a que, em consequência disso, ficaria inevitavelmente sujeito o êxito desse empreendimento. A duvidosa prioridade de que se reveste, por conseguinte, essa iniciativa em face de outras de maior importância para a aceleração do desenvolvimento do País, aconselha que se confira destino diverso aos avultados recursos financeiros que seriam empregados na EXPO-72.

Como o desenvolvimento da Educação se acha entre os objetivos prioritários do meu Governo, determino, pois, que, em caráter alternativo, se constitua como projeto-símbolo para as comemorações do Sesquicentenário da Independência a conclusão do primeiro estágio, até 1972, da construção da Cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Ilha do Fundão.

Os Ministros do Planejamento e Coordenação Geral, Fazenda e Educação e Cultura tomarão as providências necessárias para o cumprimento desta determinação.

(Nota distribuída pela Secretaria de Imprensa, a 11-12-1969).

POSFÁCIO

FORAM reunidos neste livro os primeiros discursos e as primeiras mensagens do Presidente Emílio Garrastazu Médici, desde que foi escolhido para suceder ao Marechal Arthur da Costa e Silva, na Presidência da República.

São ao todo seis mensagens: o Manifesto à Nação, lido no dia 7 de outubro de 1969; o pronunciamento político anunciando a escolha do Ministério, pelo Presidente eleito pelo Congresso Nacional (27-10-1969); a Mensagem dirigida à SUDAM (28-12-69); a Mensagem à SUDENE (12-12-69); a Mensagem de Natal (23-12-69), e a Mensagem de Ano Novo (31-12-69).

Constam ainda dêste volume três discursos principais: o que foi proferido por Sua Excelência ao receber a faixa presidencial, no Palácio do Planalto, a 30 de outubro; o discurso na Convenção da ARENA (20-11-69) e a pequena alocução feita no Hotel Nacional, na reunião do Grupo Parlamentar Cristão, (28-11-69).

No final do livro, como Anexos I e II, respectivamente, foram incluídos o pronunciamento do Presidente em reunião ministerial, traçando as primeiras diretrizes coletivas a seus Ministros e as palavras

com que Sua Excelência aprovou a decisão conjunta tomada por seus quatro Ministros, do Planejamento, da Fazenda, da Indústria e do Comércio e das Relações Exteriores, transferindo os fundos destinados à EXPO-72 às obras prioritárias da Universidade da Ilha do Fundão, no Estado da Guanabara.

São páginas que além de exprimir o pensamento político e anunciar, em suas linhas gerais, a missão administrativa do Presidente Emílio Garrastazu Médici, documentam, agora reunidas em livro, um momento decisivo da evolução política do País, constituindo-se em importantes subsídios para a sua interpretação e história.

Publicando essa documentação, estamos certos de prestar à Nação um serviço que ela, de certo, reclamava, para o melhor conhecimento do pensamento político daquele que a dirige e da essência de sua mensagem democrática e filosofia administrativa.

O Editor

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

ÍNDICE DE NOMES E ASSUNTOS

A

ABASTECIMENTO, revolução do —
34... centrais, de, e SUDENE
— 69.

ABREU, Ministro João Leitão de,
Chefe do Gabinete Civil da
Presidência da República —
27.

ADMINISTRAÇÃO — 13... central,
em Brasília — 93... órgãos
da administração direta e in-
direta — 93.

AERP, Assessoria Especial de Re-
lações Públicas, e Sistema de
Comunicação Social — 95.

AGRICULTURA, modernização da
— 69.

ALIMENTAÇÃO, prioridade à —
13... revolução na alimentação
— 34. ...prioridade no Nor-
deste — 69.

ALTO COMANDO, selecionou nome
do Presidente — 9.

AMAZÔNIA, integração econômica
da — 61, 62... integração
social — 61.

AMÉRICA, no concerto das Nações
Livres da — 17... a outra
— 35.

ANDREAZZA, Mário David, Mi-
nistro dos Transportes — 26.

ANO NOVO, votos de feliz —
81... as primícias do — 81.

ARENA, Convenção da — 45...
significado da — 47.

AUTARQUIAS, mudança para Bra-
sília — 93.

AUXILIARES, escolha dos — 24...
razões da escolha — 25... li-
berdade para os — 27.

B

BARROS NUNES, Almirante-de-
Esquadra Adalberto de, Minis-
tro da Marinha — 26.

BRASIL, grande demais, para tão
poucas ambições — 15... no-
vos tempos do — 50... pre-
sença do Nordeste no — 67...
acima de tudo — 24 e 83...
nos congressos internacionais —
94... pessoal diplomático do
— 94.

BRASÍLIA, mudança para, acelerar
— 93... programar melhor a
mudança (GEMUD) — 96.

BUZAIID, Alfredo, Ministro da
Justiça — 25.

C

CASTELO BRANCO, Marechal —
10... Presidente — 45.

CEMPEX, Comissão de Empré-
stimos Externos, e política har-
mônica de endividamento ex-
terno — 93.

CHEFE DA NAÇÃO, empenhará sua autoridade e de seu cargo — 62.

CHEFE DE ESTADO — 16... exemplo de — 23.

CIÊNCIA E TECNOLOGIA, prioritária e humanizada — 38.

CIRNE LIMA, Luiz Fernando, Ministro da Agricultura — 26.

CLASSES, harmonia — 14.

CÓDIGOS NOVOS, necessidade de — 39.

COLABORAÇÃO TÉCNICA, estrangeira, benvinda — 15.

COMERCIALIZAÇÃO — 34... melhoria da, no Nordeste — 69.

COMUNICAÇÃO SOCIAL, Sistema, a criar — 95.

CONGRESSO NACIONAL — 23... ratificação do — 25... compromisso perante o — 27.

CONGRESSOS, participação em — 94... internacionais — 94... sem ônus para o Tesouro Nacional — 94.

CONDIÇÕES DE VIDA, darão última palavra sobre o Governo — 15... reduzir o custo de vida — 91.

CONSCIÊNCIA NACIONAL, nova, revolucionária — 35.

CONSTITUIÇÃO — 39... manter os princípios da — 91... Emenda nº 1 — 91... consagrar ordem constitucional — 91... e produção legislativa revolucionária — 91.

COSTA E SILVA, Marechal — 9, 10... Presidente — 23, 33 e 45.

CONVÊNIOS com órgãos da administração direta e indireta e Estados e Municípios — 93.

COSTA CAVALCANTI, Deputado José, Ministro do Interior — 26.

CRESCIMENTO (6 a 7%) — 37.

CRITÉRIOS POLÍTICOS, novos — 23.

CRISE DE 1964 — 11 e 12.

CUSTO DE VIDA, conter a alta — 91.

D

DÉCADA DE 60 — 40... decisiva para SUDENE — 67.

DÉCADA DE 70 — 28 e 40... e o terceiro horizonte do País — 82.

DÉCADAS DE 40 e 50 — 67, agravaram problema social nordestino — 67.

DEUS, invocação — 40 e 51... filhos do mesmo Deus — 56... o Criador — 55... peço a Deus — 75... Deus-Menino, no Presépio — 76... humildade diante de Deus — 81.

DIA NACIONAL DE AÇÃO DE GRAÇAS, significado — 55.

DIÁLOGO, Governo-Povo — 13 e 35.

DEMOCRACIA, necessária — 11, 46 e 47... vivência da — 48... credo democrático — 49... democracia superior — 49... verdadeira democracia — 49, 50.

DESEMPREGO, subemprego e SUDENE — 69... ampliação das oportunidades — 69.

DESENVOLVIMENTO, acelerar o — 10, 12, 13, 14, 37 e 38... auto-sustentável — 68... dinamizado — 91... obra coletiva — 36.

DESEQUILÍBRIOS REGIONAIS — 13, 36... inter-regionais — 68.

DIREITO, primado do — 38... direito revolucionário, consolidação — 92... direitos fundamentais — 38.

DIAS LEITE, Prof. Antônio, Ministro das Minas e Energia — 26.

DISTRIBUIÇÃO DAS RENDAS, melhor — 13... equânime — 91.

DUALIDADE DE ÓRGÃOS, eliminar — 93.

E

EDUCAÇÃO, prioritária — 69... também no Nordeste — 69.

EMPRESA NACIONAL, prestigiar — 37.

ESCOLA DE DEMOCRACIA — 39... de política — 39... rural — 35

ESTABILIDADE MONETÁRIA — 12... econômica — 83... social — 83... política — 83.

ESTADO, limites do — 15, 36 e 38.

ESTADO-MAIOR DAS FORÇAS ARMADAS — 25 e 95.

ESTUDANTES, convocados — 13... perspectivas novas para os — 83.

EXPO-72, inviável — 101... preterida por Educação — 101... fundos da, para Cidade Universitária da Ilha do Fundão — 101.

F

FAMÍLIA, homem de — 36... meu povo — 75.

FIGUEIREDO, General-de-Brigada João Baptista de, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República — 27.

FONTOURA, General-de-Brigada Carlos Alberto da, Chefe do Serviço Nacional de Informações — 27.

FORÇAS ARMADAS, consenso das — 9... escolheram o Presidente — 9... Comandante-em-Chefe das — 17 e Forças Singulares — 9.

FRONTEIRAS IDEOLÓGICAS — 35... da tecnologia — 35.

G

GEISEL, General-de-Exército Orlando, Ministro de Exército — 27.

GIBSON BARBOZA, Embaixador Mário, Ministro das Relações Exteriores — 25.

GOVÊRNO, atual — 15... arte e ciência — 46... no Nordeste — 69... quadriênio do atual — 82... realismo no — 82.

GOVERNOS, estaduais — 69... municipais — 70... da Revolução — 69... dois primeiros, revolucionários — 69... 3º da Revolução — 46. e SUDENE — 69.

GRUPO PARLAMENTAR CRISTÃO — 55.

GRUPOS DE TRABALHO, novos critérios — 94... com cadastros — 94.

H

HABITAÇÃO prioritária — 69... e SUDENE, no Nordeste — 69.

HEMISFÉRIO, política do — 16.

HOMEM, da caserna — 36... da família — 35... da Lei — 38... da Revolução — 38... de fé — 39... do campo... 39... do povo — 36.

I

IGREJA, apêlo à — 13... livre — 12, 38... apoio para Nordeste — 70.

IMPETO REVOLUCIONÁRIO, prosse-
gue — 17.

INCENTIVOS, fiscais e financeiros
— 69... no Nordeste — 69
e 94.

INFLAÇÃO, detida — 11... quase
estabilidade — 37 e 94.

INFRA-ESTRUTURA econômica —
12... da SUDENE — 69.

INICIATIVA PRIVADA — 15... na
Amazônia — 61.

ÍNDICES ECONÔMICOS, elevação no
Nordeste — 70.

INTELECTUAIS, apêlo aos — 84.

INTERIOR, conquista do — 37.

INVESTIMENTOS, auto-sustentáveis
graças à SUDENE — 69.

I

JESUS, repassar os caminhos de
— 75... no Natal — 75.

JOGO DA VERDADE, o — 13.

JUSTIÇA SOCIAL — 14... para a
Amazônia também — 61...
atender aos imperativos da
— 91.

L

LEGISLAÇÃO, compendiar — 92...
financeira — 92... trabalhista
92... previdenciária — 92...
da locação predial — 92...
da propriedade rural — 92.

LIBERDADE, autêntica — 13 e 36...
livre de pressões — 23.

M

MÃO-DE-OBRA, especializada —
36... formação pela SUDENE
— 69.

MECANIZAÇÃO, do campo — 34.

MERCADO INTERNO, em expansão
— 35.

MINISTÉRIO, da Aeronáutica —
27... da Agricultura — 26...
das Comunicações — 26...
da Educação e Cultura — 26...
do Exército — 27... da Fa-
zenda — 26... do Interior —
26... da Indústria e do Co-
mércio — 26... da Justiça —
25... da Marinha — 26...
das Minas e Energia — 26...
do Planejamento e Coordena-
ção-Geral — 26... das Re-
lações Exteriores — 25... do
Trabalho e Previdência Social
— 26... da Saúde — 26...
dos Transportes — 26.

MINISTÉRIOS, suas relações com a
AERP — 95.

MINISTROS DE ESTADO — 23 e
24... três Ministros Militares
— 9 e 33.

MINUANO — vento do 34 e 37.

MOCIDADE, Presidente faz apêlo à
38... no Nordeste — 69...
convocação nova — 70.

MUNDO, sem fronteiras — 31
e 34.

MUNICÍPIOS, mobilizar os — 36
e 37.

N

NAÇÃO, nome — 27 e 33.

NAÇÕES LIVRES — 14 e 15.

NATAL, votos pelo — 75.

NETTO, Professor Antônio Del-
fim — 26.

NORDESTE e Governo atual —
69... a obra de seus anteces-
sores no — 68.

NORDESTINO, como povo — 69...
solidariedade ao — 69... pre-
valência sobre Nordeste do
— 69.

O

OBJETIVOS REVOLUCIONÁRIOS —
11 e 12.

ORDEM JURÍDICA, em dois planos — 38.

«OPERAÇÃO AMAZÔNIA», incentivo à — 62.

OPERÁRIOS — 12... apelos aos — 13.

ORGANIZAÇÕES POLÍTICAS, novas — 12.

ÓRGÃOS DA PRESIDÊNCIA — 27.

P

PARTICIPAÇÃO POPULAR — 12, 13 e 36.

PARTIDO DA REVOLUÇÃO — 45, 46 e 47.

PARTIDO POLÍTICO, validade — 48.

PARTIDOS, necessidades dos — 39... — abertos — 48... escolas de política — 48... planejamento partidário — 49... representação mais autêntica — 49... fortalecimento dos Partidos — 49.

PASSARINHO, Senador Jarbas Gonçalves, Ministro da Educação e Cultura — 26.

PATRIOTISMO, para todos — 13... verdadeiro — 35.

PAZ E ORDEM — 14... promessas de — 84.

PAULO VI, Papa — 12.

PLANEJAMENTO, Ministério do — 26... no Governo atual — 36... mentalidade de — 37.

PLANO ADMINISTRATIVO — 13... econômico — 13... diretor — 36... de ação — 14... de governo — 13.

PODERES, exercício dos — 49... Executivo — 95... Judiciário — 92... Legislativo — 92... orgânicos — 38.

POLÍTICA — 14... externa... — 15... ciência política — 49... salarial — 36.

POLÍTICOS, nova mentalidade dos — 12.

POPULARIDADE, como prêmio — 16.

POUPANÇA, estimular — 34 e 35.

Povo — 10... participação ativa no Governo pelo diálogo — 12, 33, 36, 39 e 82... no desenvolvimento — 83.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, exercício da — 9, 23, 27... submeter à apreciação da — 92.

PREVIDÊNCIA RURAL — 35... unificação da... 36.

PRODUÇÃO, aumento da — 13... industrial — 69... humanização da 70... — custos da — 70... agrícola — 34... e produtividade — 69... no Nordeste — 69.

PROGRAMA NUCLEAR — 38.

PROGRAMAS, feitos para cumprir — 15.

PROJETOS, cumprir também antigos — 93... novos, necessários — 93.

Q

QUADROS, urgente renovação dos e SUDENE — 70.

R

RADEMAKER, Almirante Augusto Hamann, Grünewald, Vice-Presidente da República — 25 e 33.

REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES — 13.

REFORMA AGRÁRIA — 35... — das instituições — 12, 13.

RENDA rural — 35... global, distribuição equânime — 91.

RENOVAÇÃO político-partidária — 47, 48 e 49.

RESPONSABILIDADE, pessoal —
23... de Chefe de Estado —
23... de liderança política
— 23.

REVOLUÇÃO, conquistas — 38...
nos transportes — 68... nas
comunicações — 69... na ener-
gia — 68... da técnica —
34... de Março — 10, 11, 24,
38, 46 e SUDENE, — 69...
e SUDAM — 61... na agri-
cultura — 39... na educação
— 34... na saúde — 37...
no campo — 34.

ROCHA LAGOA, Professor Fran-
cisco de Paula, Ministro da
Saúde — 26.

RONDON PACHECO, Presidente da
ARENA — 48.

S

SALÁRIOS JUSTOS — 14.
SANEAMENTO BÁSICO — 35...
pela SUDENE — 69.

SAÚDE — 13... e SUDENE
no Nordeste — 69.

S.N.I., Serviço Nacional de In-
formações — 23 e 27.

SOUZA E MELLO, Marechal-do-
Ar Márcio de, Ministro da
Aeronáutica — 27.

SUDAM, competência para pla-
nejear — 62... — completa
triênio — 62.

SUDENE, importância para o
Nordeste — 67... primeiros
anos — 67... seus dez anos
— 67... agência de desenvol-
vimento regional — 68.

T

TERRAS, problemas de — 67...
no Nordeste — 69.

TERRITÓRIO NACIONAL, unidade,
do — 13, 37.

U

UNIDADES FEDERATIVAS, fortaleci-
mento das — 69.

UNIVERSIDADE — 13, 38, 101.

V

VELLOSO, Prof. João Paulo dos
Reis, Ministro do Planejamento
e Coordenação Geral — 26.

VIABILIDADE, ECONÔMICA DO PAÍS
— 36 e 85.

VONTADE COLETIVA, convocação
da 36, 38... em desagrega-
ção — 83.

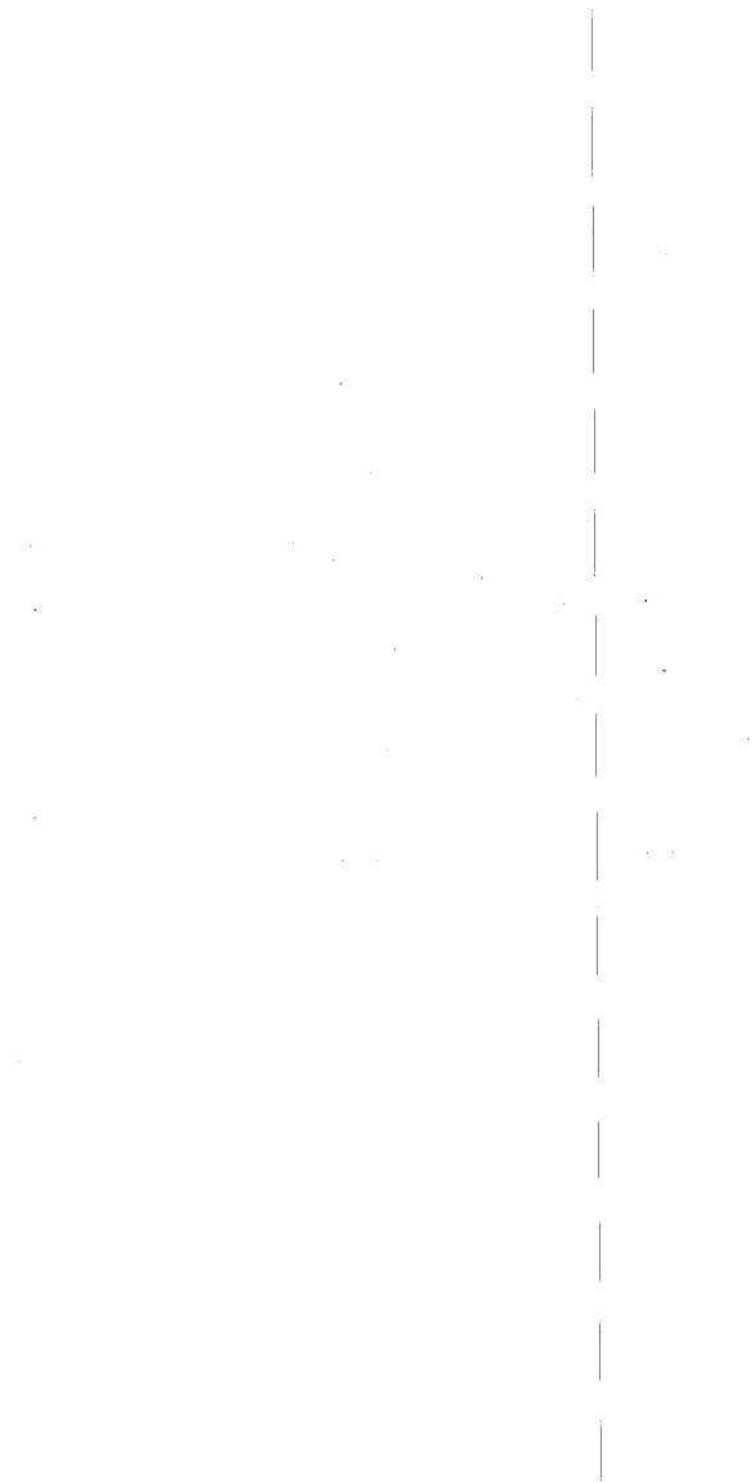
VIOLÊNCIA gera violência — 16...
apelo contra a — 84... so-
frerá contestação — 16.

Y

YASSUDA, Fábio Riodi, Ministro
da Indústria e do Comércio
— 26.

ÍNDICE

	Págs.
O Jôgo da Verdade	5
Como vejo um Ministro de Estado	19
Mundo sem fronteiras	29
Tempo de reconstrução	41
Voltei-me para Deus	51
Integração da Amazônia	57
Prevalência do nordestino sôbre o Nordeste	63
A grande família de meu povo	71
Os quatro horizontes do futuro	77
Anexo I	87
Anexo II	97
Posfácio .	102
Índice de nomes e assuntos	105



*Este livro foi composto no Departamento de
Imprensa Nacional, em outubro de 1970, para a
Secretaria de Imprensa da Presidência da Repú-
blica.*